

Julho 2021

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

O Ensino/Intervenção@Distância - Como adaptar uma intervenção presencial para uma intervenção à distância de qualidade?

RELATÓRIO DE ESTÁGIO APRESENTADO À
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI
PARA A OBTENÇÃO DE
GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

DE

Cláudia Filipa Soares da Silva Rocha

ORIENTAÇÃO

Doutora Maria Paula Pequeto de Almeida Sampaio Soares Lopes



PAULA
FRASSINETTI



PAULA
FRASSINETTI

O “ENSINO/INTERVENÇÃO@DISTÂNCIA”

COMO ADAPTAR UMA INTERVENÇÃO PRESENCIAL PARA UMA INTERVENÇÃO À DISTÂNCIA DE
QUALIDADE?

RELATÓRIO FINAL DE MESTRADO

CLÁUDIA FILIPA SOARES DA SILVA ROCHA

ORIENTADORA: M^a PAULA PEQUITO DE ALMEIDA SAMPAIO SOARES LOPES

2020/2021



AGRADECIMENTOS

Cabe-me, neste momento, expressar todo o meu agradecimento àqueles que contribuíram para a concretização desta etapa na minha vida.

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha mãe que sempre me apoiou em tudo, encorajou e acreditou em mim.

Aos meus avós, António e Fernanda que são o meu pilar, a minha força, estão sempre presentes em tudo!

À minha tia Lídia pela dedicação, apoio, empenho, carinho e ajuda!

Ao meu pai por todo o carinho e apoio!

Ao meu irmão que é o meu confidente, o meu melhor amigo!

Ao meu namorado, por todo o companheirismo.

A toda a minha família, pelos vossos conselhos, motivação, sorrisos, gargalhadas, carinho e amor:

Rute Cláudia, Paulo Luz, Jorge Miguel, Jorge Silva, Rodrigo Silva, Diogo Duarte, Sandra Silva, Vítor Duarte, Rute Andreia, Hélder.

À Graça Rocha, por toda a amizade e carinho.

Ao Albano Mouta, Albano Miguel, Zé Manel, Linda Rocha, Helena, Gracinda Rocha.

Ao Rui por todas as gargalhadas, brincadeiras e por ser uma pessoa incrível, à minha avó Olímpia.

Ao Marinho por todos os bons momentos e pelo carinho, à Brigitte, à Joana, à Soraia.

À minha Beatriz Gonzalez e Yolanda Rañal, por todos os bons momentos que passamos juntas, pela vossa amizade e carinho!

Às minhas orientadoras de estágio: Inês Rodrigues, Sílvia Moreira e Mariana Teixeira.

E por fim e não menos importante, à minha orientadora, professora Paula Pequito, por toda a paciência e dedicação e a todos os professores que passaram pelo meu percurso e me marcaram!

Obrigada por fazerem de mim a pessoa que sou.

Obrigada por terem sempre acreditado em mim.

*Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.
Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.*
Antoine de Saint-Exupéry



RESUMO

Este relatório foi elaborado no contexto da prática pedagógica do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Esta prática foi levada a cabo com o objetivo de obter a qualificação profissional para a docência nestes dois níveis de ensino. A prática docente supervisionada foi realizada ao nível da Educação Pré-Escolar e do 1ºCiclo e ocorreu ao longo de quatro semestres.

O principal objetivo deste trabalho prende-se com a realidade atual que estamos a vivenciar, a pandemia - COVID-19. Em março de 2020, todas as escolas do país passaram do ensino presencial para o ensino/intervenção@distância.

A questão deste trabalho será - Como adaptar uma intervenção presencial para uma intervenção à distância de qualidade?

Palavras-chaves: Ensino@Distância; Pandemia; Aprendizagens; Isolamento Social



ABSTRACT

This report was developed in the context of the teaching practice of the master's degree in Pre-School Education and Primary school teaching. This teaching practice was carried out to obtain the professional qualification for teaching in these two levels of education. The supervised teaching practice was carried out at the Pre-school and Primary School levels and occurred over four semesters. The main objective of this work is linked to the current reality we are experiencing, the pandemic - COVID-19. In March 2020, all schools in the country changed from face-to-face teaching to teaching@distance. The research question of this report is: How to adapt a face-to-face teaching to a quality remote teaching and learning.

Key-words: Teaching@Distance; Pandemic; Learning; Social Isolation



ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo 1 - Enquadramento teórico: <i>O ensino à distância</i>	2
1.1. Isolamento Social	2
1.2. Aprendizagens significativas	4
1.3. Inovação adaptada à realidade em que vivemos – Gaming – gamificação – aprendizagem	5
1.4. A importância de planificar	8
1.5. A importância das rotinas na educação pré-escolar.....	13
1.6. Avaliação Formativa	15
1.5. Feedback às crianças/alunos.....	18
1.6. Passagem da Educação Pré-Escolar para o 1º ciclo	19
Capítulo 2 – Caracterização da metodologia	21
2.1. Caracterização da instituição	21
2.2. Metodologia.....	22
2.3. Metodologia na prática	23
Capítulo III - Exploração e análise de dados	26
3.1. Análise de dados.....	26
Considerações finais	37
Bibliografia.....	39
Anexos.....	42
1. Anexo I.....	42
2. Anexo II - Exemplos dos jogos de consciência fonológica em PowerPoint. 42	
Jogo 1.....	42
Jogo 2.....	43
Jogo 3.....	44
Jogo 4.....	45
3. Anexo III – Exemplos dos jogos de matemática – números e operações..... 46	
Jogo 5.....	46
Jogo 6.....	47
4. Anexo IV – Exemplos dos Jogos de consolidação de conhecimento - Quizz 48	
Jogo 7.....	48
Jogo 8.....	49
5. Anexo V - Exemplo do jogo do bingo..... 51	
Jogo 9.....	51
6. Anexo VI – Exemplo dos jogos de movimento - Jogo do monopólio 53	
Jogo 10.....	53



7. Anexo VII – Exemplo do Jogo da memória	53
Jogo 11.....	54
8. Anexo VIII – Exemplo do Jogo das diferenças	55
Jogo 12.....	55
9. Anexo IX – Exemplo do Jogo de orientação espacial.....	55
Jogo 13.....	55
10. Anexo X – Exemplo da mascote	57
11. Anexo XI – Link de exemplos de Filmagens	57
12. Anexo XII – Link de exemplo da realização online de experiências.....	59
13. Anexo XIII– Link de exemplo do teatro.....	59
14. Anexo XIV	59
1: Inquérito aos encarregados de educação durante o período de pandemia (INFin	
6).....	59



ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Pirâmide da aprendizagem de William Glasser, citado por Melo (2021).....	4
Figura 2 - Conceito de Edutainment segundo Lima (2020)	6
Figura 3 - Questões fundamentais para a realização de uma planificação, segundo Silva & Lopes (2018).....	11
Figura 4 - Percentagem das crianças que continuaram a viver com as mesmas pessoas	26
Figura 5 - Rotinas das crianças.....	27
Figura 6 - Principais mudanças	27
Figura 7 - Durante este período de recolhimento obrigatório, as crianças usaram mais recursos tecnológicos com ecrã?	28
Figura 8 - Os recursos tecnológicos utilizados para a aprendizagem são importantes?.	28
Figura 9 - Programas implementados pela RTP2.....	29
Figura 11 - Com quem brinca a criança?.....	29
Figura 12 - As crianças têm oportunidade de brincar no exterior?	30
Figura 13 - Espaço em que brinca a criança.....	30
Figura 14 - As crianças recordam atividades/dinâmicas que aconteceram no Jardim de Infância?	31
Figura 15 - Recorda os colegas do Jardim de Infância?	31
Figura 16 - Os pais tentam proporcionar atividades dinâmicas às crianças?	32
Figura 17 - O Jardim de Infância proporcionou e propôs atividades para as crianças? .	32
Figura 18 - Quantas atividades em média são proporcionadas nos tempos síncronos e assíncronos?.....	33
Figura 19 - Plataformas utilizadas	33
Figura 20 - Recursos disponibilizados para as atividades	34
Figura 21 - Quais os tipos de atividades propostas?.....	34
Figura 22 - As dinâmicas são significativas para as crianças?	35
Figura 23 - Entusiasmo nas atividades propostas.....	35
Figura 24 - Principais constrangimentos para os adultos que acompanham as crianças	36
Figura 25 - Jogo de linguagem	43
Figura 26 - Jogo de linguagem	44
Figura 27 - Jogo do caça-palavras	45
Figura 28 - Jogo: Alfabeto de adivinhas.....	46
Figura 29 - Jogo de números e operações.....	47
Figura 30 - Jogo de números e operações.....	48
Figura 31 - Jogo de consolidação de conhecimento - quizz	49
Figura 32 - Jogo de consolidação de conhecimento - quizz	51
Figura 33 - Jogo do bingo.....	53
Figura 34 - Jogo do monopólio.....	53
Figura 35 - Jogo da memória	54
Figura 36 - Jogo das diferenças	55
Figura 37 - Jogo de orientação espacial.....	56
Figura 38 - Mascote - a arvorezinha.....	57



LISTA DE ACRÓNIMOS E SIGLAS

Ensino@Distância (E@D)

Plano Anual De Atividades (PAA)

Projeto Curricular de Escola (PCE)

Projeto Educativo (PE)

Regimento Interno (RI)



INTRODUÇÃO

A pandemia, COVID-19, surgiu em dezembro de 2019 em Wuhan, na China. Em pouco tempo propagou-se por todo o Mundo levando à existência, de forma faseada, de confinamentos obrigatórios, as escolas não foram exceção.

No caso de Portugal, a partir de 16 de março de 2020, todos os estabelecimentos de ensino públicos e particulares encerraram, ficando as crianças confinadas em casa. Começaram a existir ainda mais desigualdades.

Foram necessárias várias iniciativas para ajudar a colmatar as dificuldades, câmaras municipais, agrupamentos de escolas, professores, pais (...) todos estiveram envolvidos/empenhados em encontrar soluções. A era digital entrou ainda mais em voga, iniciou-se o E@D, sem que ninguém estivesse preparado para tal.

Como estagiárias, em educação de infância, sentimos muito toda esta mudança repentina no ensino. Surgiu a questão “E agora, o que podemos fazer para continuar a desenvolver nosso trabalho?!”

Tivemos de nos adaptar... Criar meios de comunicação online, novas plataformas... O Zoom foi o meio de comunicação escolhido para ser utilizado diariamente. Estar em frente a um ecrã levou a que as crianças, começassem a ficar desmotivadas, pois não estavam preparadas. Era também necessária a ajuda/presença de um adulto, o que nem sempre era verificado. Não conseguíamos trabalhar como se estivéssemos na escola. Foi necessário inovar e ir ao encontro das necessidades de cada um. Foram criados jogos educativos nos quais as crianças desenvolviam aprendizagens de forma lúdica, realizados teatros, experiências, deu-se continuidade ao projeto da sala. Na realidade tudo se desenvolveu como se estivéssemos na escola, mas de uma forma inovadora. Motivar as crianças, estimular as aprendizagens e o conhecimento tornou-se um desafio ainda maior para nós.

Com tudo isto, surgiu o tema para este Relatório Final de Mestrado “Como adaptar uma intervenção presencial para uma intervenção à distância de qualidade?”



CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO: *O ENSINO À DISTÂNCIA*

1.1. ISOLAMENTO SOCIAL

O aparecimento da pandemia, Covid19, provocou uma mudança repentina na vida de todos. A partir de 16 de março as crianças ficaram sem poder ir à escola, uma grande maioria dos pais passaram a trabalhar em casa (teletrabalho). O importante era diminuir o contacto social. Todos tivemos de nos adaptar a uma nova realidade.

Como refere, Moreira et al. (2020, p.1):

(...) percebemos não só que a educação não podia parar como também que tem de continuar a cumprir a sua função essencial de compreender o mundo e, se possível, torná-lo melhor. A continuação das atividades de ensino, associadas à produção de conhecimento, a partir de casa, tem-se revelado como uma metáfora de superação da própria crise.

Esta fase mostrou-nos que somos capazes de desenvolver um processo de mudança na educação através da colaboração e partilha.

Houve um isolamento social com uma influência efetiva na vida de todos. Aos poucos todos as crianças/alunos estavam em contacto com a escola e com os seus professores, mas através dos ecrãs.

Existiu uma enorme desigualdade a nível nacional, algumas crianças/alunos, não dispunham de condições económicas e técnicas imprescindíveis para uma aprendizagem através da tecnologia, pois não tinham computadores, telemóveis e internet.

O confronto com esta realidade foi angustiante. As rotinas diárias foram todas alteradas.

De modo a combater esta situação foram tomadas algumas medidas, como menciona a CIM Alto Minho (2020, p.4):

Os Municípios levaram a cabo algumas ações, nomeadamente: i) o empréstimo de recursos tecnológicos (computadores, tablets e routers de acesso à internet), com um investimento de cerca de 1 milhão de euros, num total de cerca de 2270 equipamentos, sob a forma de declarações de empréstimo aos encarregados de educação ou de protocolos de cedência de equipamento a Associações de Pais; ii) ações de articulação com as Juntas de Freguesias dos concelhos, na entrega e recolha de trabalhos escolares.



A adaptação ao isolamento social foi muito complicada para todos, apenas podíamos sair de casa para o estritamente necessário, comprar bens essenciais, ir ao médico, à farmácia e pouco mais. O convívio social, as visitas à família, tudo terminou, a palavra Saudade passou a ter ainda mais sentido, a ponto de mudar mentalidades e a forma de ver o outro. Todos sofremos com esta nova realidade, as crianças/alunos começaram cedo a perceber o significado da palavra saudade, pois a mudança abrupta das rotinas, a ausência física dos amigos, professores e de todo o meio envolvente, fez com que em alguns casos se gerasse uma revolta.

Era imprescindível encontrar equilíbrio entre o emocional e o físico, pois só assim se ia conseguir implementar o ensino à distância com sucesso e desta forma dar continuidade à aprendizagem. Como refere Lima (2017, p.43):

A Escola não pode viver dissociada da realidade, porém, as famílias também não podem viver dissociadas do mundo real, com obstáculos, adversidades, contratempos e frustrações. É importante, por isso, aproximar estas três dimensões (Escola-Família-Mundo) e, assim, construir uma escola mais ligada ao mundo.

A adoção de novas práticas de ensino e aprendizagens em meios digitais foi acolhida, como forma para ultrapassar limitações do presencial. Se as mesmas não fossem adotadas, a qualidade da educação estaria comprometida, devido aos longos meses sem interação. Como mencionam Fernando & Pacheco (2020, p.44):

O passar do tempo é uma lei ainda intocada pela humanidade. E, como tal, é uma verdade absoluta: o tempo é limitado e não anda para trás. (...) Nós não conseguimos alterar o tempo, nem recuperar o tempo perdido.

Devemos aproveitar o tempo o máximo possível, porque tem um impacto direto no futuro das nossas crianças/alunos, na aprendizagem. Ao longo deste tempo de pandemia, se tudo parasse, se não existisse um enorme esforço, empenho, resiliência por parte de todos os docentes, crianças, pais, toda a comunidade educativa, o tempo perdido, era impossível de recuperar. Os professores são os principais impulsionadores da mudança do desenvolvimento de cada ser humano.

Neste tempo, os professores lecionam em ambientes de aprendizagem e ensino inteiramente novos, mencionando as palavras de Gonçalves & Nogueira (2020, p.97):

(...) para muitos com contornos totalmente digitais, mas onde a proximidade é possível, a partir de meios, síncronos e assíncronos, que desafiam o seu



exercício profissional em todas as etapas da intervenção educativa. Assim, o novo desafio consiste em concretizar uma ação educativa estruturada a partir de algo que é novo, abdicando da mobilização dos meios e estruturas mentais do ensino presencial. Quiçá seja realmente o momento de questionarmos a possibilidade de encontrar formas complementares e pertinentes para a formação de professores no presente e no futuro.

1.2. APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS

Ao pesquisar sobre a melhor aprendizagem do ser humano, aparecem várias pirâmides ou cones de aprendizagem. O que todas têm em comum é que existe um aumento progressivo composto por ler, escutar, ver, ver e ouvir, discutir, fazer e ensinar. Grande parte das pirâmides é atribuída a William Glasser, ou, quando se diz “cone da aprendizagem”, a Edgar Dale.

Segundo William Glasser/Edgar Dale existe uma hierarquia na aprendizagem e que passo a citar, ou seja, os alunos aprendem:

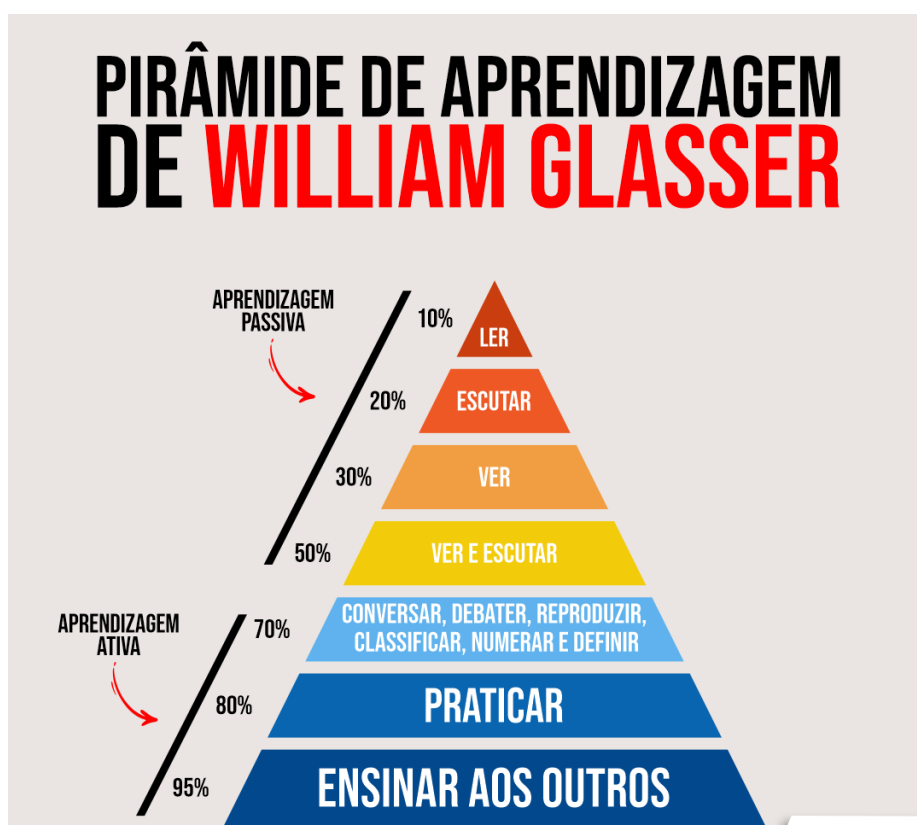


Figura 1 - Pirâmide da aprendizagem de William Glasser, citado por Melo (2021)



Tomando como pressuposto a Pirâmide de William Glasser, podemos dizer que quanto mais participativo é o processo de ensino, maiores são as hipóteses de absorção dos conteúdos. Com isso, a aprendizagem passa a acontecer de forma mais rápida e eficiente. Segundo Alves, citado por Siqueira (2017):

se o professor não é capaz de comunicar valor naquilo que ensina, se não desperta a curiosidade dos alunos, se não causar “espantos”, então ele não terá “retorno” dos seus alunos.

Conforme Lima (2017, p.73):

A Escola, em pleno século XXI, não pode continuar a funcionar como se o mundo não tivesse sofrido quaisquer mudanças. (...) A Escola não pode ignorar as transformações operadas na forma como as pessoas hoje vivem.

Com o desenvolvimento tecnológico a processar-se a uma grande velocidade, cada vez há mais desafios que são apresentados ao Homem e ele terá de os enfrentar dia após dia. Estas transformações ocorrem em todas as áreas. O ser humano tem de se adaptar rapidamente para que possa proporcionar aprendizagens significativas e mais flexíveis. Como referiu Cardoso (2013):

O crescimento dos conteúdos educativos on-line fará com que surjam novas oportunidades de aprendizagem para os alunos, ou mesmo professores, que terão formas mais flexíveis de aprendizagem: em qualquer lugar, em qualquer hora, de forma personalizada e a um custo relativamente baixo.

1.3. INOVAÇÃO ADAPTADA À REALIDADE EM QUE VIVEMOS – GAMING – GAMIFICAÇÃO – APRENDIZAGEM

A pedagogia e a tecnologia não devem estar separadas. Para a escola estar adaptada ao mundo em que vivemos, os ambientes educativos têm de ser inovadores.

Atualmente, crianças e adultos utilizam constantemente as mais diversas tecnologias, telemóveis, computadores e tablets, daí surgir a necessidade de acompanhar/aproveitar este interesse. Desta forma, surgiu o conceito de Edutainment, ou seja, a necessidade de conciliar a educação e o entretenimento.



Como podemos observar na seguinte figura:

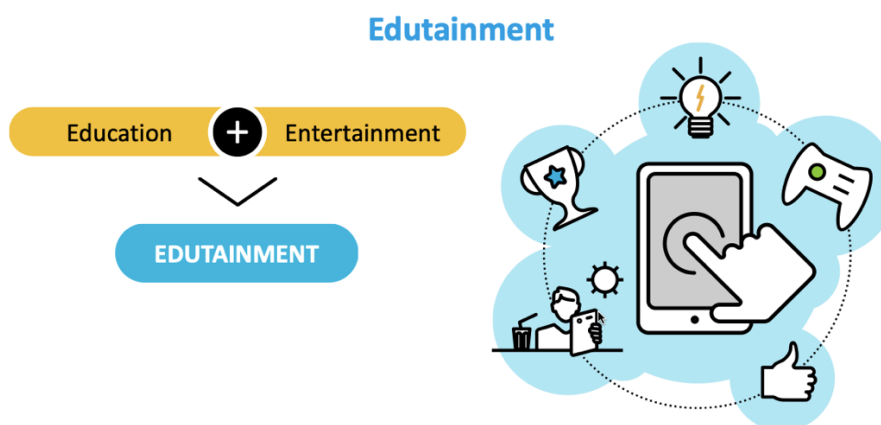


Figura 2 - Conceito de Edutainment segundo Lima (2020)

Lima (2020) refere que podemos associar Edutainment ao envolvimento, à imersão, à diversão e à interação.

Associado ao conceito anterior, incluímos o Gaming, isto é, usar um jogo para aprender e adquirir determinada aprendizagem. Por outro lado, o termo Gamificação é atribuído ao facto tornar qualquer processo de aprendizagem num jogo. Isto é, tornar algo que não é um jogo num jogo.

Hoje temos consciência que é muito importante inovar para motivar as crianças/alunos face à realidade que estamos a viver!

Já existem iniciativas que desenvolvem estas novas competências, como por exemplo, o MIMepe, desenvolvido pela Câmara Municipal de Matosinhos e alargado a diversas escolas. Como menciona a Lusoinfo II Multimédia S.A. (2019), esta aplicação:

Dirige-se a crianças que frequentam a educação pré-escolar e tem como objetivo a promoção de competências de literacia emergente. A sua finalidade não é a de antecipar o ensino da leitura e da escrita, prevista para o 1.º ano do 1.º CEB, mas sim desenvolver conhecimentos e competências que são facilitadoras e preditores do sucesso dessa aprendizagem. Esta metodologia promove o desenvolvimento da consciência fonológica e os conceitos sobre a escrita, através da leitura de histórias, da descoberta de novas palavras e dos sons que as constituem.

Além dos aplicativos existentes, é muito importante que o educador/professor tenha conhecimento/formação para criar os seus próprios instrumentos e adaptá-los às características do grupo de crianças/alunos. Segundo Silva & Lopes, os professores também precisam de gostar da sua profissão, melhorando as suas práticas docentes e recursos didáticos que utilizam, vendo as reações dos seus alunos (2018, p.VII).



O jogo poderá ser valorizado como ferramenta essencial para o ensino-aprendizagem, sendo para isso fulcral que exista uma planificação organizada, contendo objetivos e aprendizagens essenciais.

Através do jogo a criança desenvolve a capacidade de explorar, de experienciar e de partilhar sentimentos de forma autêntica, aumentando a sua motivação.

Segundo Chateau (1975, p.28):

O jogo permite à criança uma fuga do mundo real. É, no entanto, uma actividade com seriedade que, em oposição à vida real, tem um lado lúdico e misterioso. O jogo permite à criança uma fuga para um mundo em que ela é a criadora. Nesse mundo, as regras do jogo têm um valor que não têm no mundo dos adultos.

Como refere Molina, existem dois tipos de motivação, a intrínseca e a extrínseca.

A motivação intrínseca está associada ao que as crianças/alunos já trazem consigo, ou seja, valores, atitudes, necessidades e outros traços da sua personalidade (fatores internos).

Contudo, quando esta motivação não está relacionada com fatores inerentes nem ao sujeito nem à tarefa, então a motivação é extrínseca, isto é, aumenta com o uso de incentivos que atuam como reforços. A criança/aluno procura alcançar uma recompensa ou evitar uma consequência negativa (fatores externos).

A motivação intrínseca é mais estável e desejável do que a extrínseca.

A motivação extrínseca pode ser necessária para “comprometer” o aluno a iniciar certas atividades ou para começar e ativar o processo de aprendizagem. Contudo, Ribeiro afirma que uma vez iniciado, este processo, muitas vezes frágil, é melhorado e sustentado por motivos intrínsecos (2011, p.2). A partir deste momento a motivação intrínseca é autónoma, independente da recompensa externa, construindo-se normalmente sobre si mesma, promovendo uma motivação crescente para a continuação da atividade, tornando-se a aprendizagem numa ocupação para o resto da vida, pois quando motivados intrinsecamente, os indivíduos fazem um esforço especial na procura de mais desafios.

Molina, menciona ainda que o jogo poderá funcionar como uma forma motivacional extrínseca, uma vez que poderá ser utilizado no processo ensino-aprendizagem pelo educador/professor, de modo a levar o aluno a atingir certos objetivos de aprendizagem (2013, p.64).



O jogo didático como recurso de motivação, será essencial para despertar o interesse e a vontade de aprender por parte das crianças, sendo deste modo um motivador de aprendizagens.

1.4. A IMPORTÂNCIA DE PLANIFICAR

É muito importante planificar para o bom funcionamento do ensino.

No E@D a planificação das atividades exige muito do professor/educador, pois este tem de se adaptar e organizar de acordo com o espaço/realidade de cada criança/aluno.

Enquanto no ensino presencial a organização do ambiente educativo (organização do grupo, do espaço, do tempo, relação com os pais e outros parceiros educativos); um ambiente organizado, acolhedor, alegre, seguro, entusiasmante e estável, depende exclusivamente da escola e do professor/educador. No E@D é obrigatório “entrar” na casa/realidade de cada criança/aluno, pois as aprendizagens são influenciadas pelo espaço, que deve ser sem ruído e com luz natural e pelo ambiente familiar, que nem sempre é favorável.

A planificação deve ser elaborada partindo daquilo que as crianças/alunos sabem e são capazes de fazer para alargar e diversificar os seus interesses, desenvolvendo as suas potencialidades. Como referem as OCEPE (2016, p.15):

Planear não é, assim, prever um conjunto de propostas a cumprir exatamente, mas estar preparado para acolher as sugestões das crianças e integrar situações imprevistas que possam ser potenciadoras de aprendizagem.

Perspetivamos a nossa ação educativa numa lógica de articulação de saberes entre as diferentes áreas de conteúdo a desenvolver, no sentido de permitir o progresso de projetos pedagógicos complexos, de modo, a ampliar os saberes das crianças/alunos que envolvam um conjunto diversificado de oportunidades de aprendizagem e integrem a abordagem de diferentes áreas de conteúdo. Segundo as OCEPE, a Área da Formação Pessoal e Social, a Área da Expressões (Domínio da Educação Física, Domínio da Educação Artística, Subdomínio das Artes Visuais, Subdomínio do Jogo Dramático/Teatro, Subdomínio da Música, Subdomínio da Dança, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Domínio da Matemática) e a Área de Conhecimento do Mundo, são cruciais no progresso do saber da criança/aluno (2016, p.6).

Quando estamos a planear temos forçosamente de pensar no comportamento e na personalidade das crianças tendo em conta também os tempos atuais.



Cardoso refere que vivemos numa sociedade onde existe hiperestimulação da televisão, internet e jogos. (2013, p.344)

Molina refere que a planificação supõe decisões sobre o que fazer, quando e como, adaptando às necessidades e interesses das crianças, para que não se aborreçam ou se sintam perdidos. (2013, p. 93).

Segundo Silva & Lopes devemos procurar utilizar as melhores estratégias de ensino, tais como, as características dos alunos, os objetivos, o assunto e tipo de aprendizagem, os tipos de conhecimento, o tempo disponível, as condições físicas e experiência didática do professor. (2018, p.54)

Neto, menciona que o nível de atenção e concentração das crianças dos 3 aos 10 anos, devido à sua imaturidade cognitiva e emocional, é muito curto (2020, p.227). Defensor de que as crianças devem brincar na natureza e em jogo livre, também considera que as ferramentas digitais podem ser excelentes no processo educativo.

A planificação acompanha toda e qualquer tarefa de um professor e ocupa um lugar essencial no ensino, uma vez que permite ao professor/educador estabelecer a relação entre o programa e os alunos/crianças. Por este motivo é importante refletir sobre a importância das planificações no processo de ensino-aprendizagem.

A planificação permite que apliquemos os programas escolares, desenvolvendo-os e adaptando-os ao cenário do ensino. Através da mesma, fazemos uma previsão do que vai acontecer e definimos tudo o que vai ser ensinado/aprendido, como, quando, o quê, onde, porquê e para quem.

Segundo Silva & Lopes (2018, p.3):

As decisões que o professor toma durante o processo de planificação têm uma influência profunda na aprendizagem dos alunos: determinam o clima de sala de aula, os tipos de agrupamento em que os alunos trabalham e as estratégias e atividades de aprendizagem em que se envolvem. É por isso que é importante que o professor se dedique à sua elaboração com a antecipação necessária.

Planificando, desconstruímos o currículo e adaptamos ao meio/comunidade envolvente. Tomamos todas as decisões, são estabelecidos os objetivos, as atividades, os tempos para realizar as mesmas, os modos de avaliação para verificar se os objetivos foram atingidos, as matérias essenciais, os registos, a forma como vão trabalhar (individualmente, em grande grupo ou em pequenos grupos), são também pensados todos os imprevistos que possam acontecer.



Para além de ser um guia para as interações com as crianças/alunos serve também de instrumento de organização, no que compete a objetivos, atividades, materiais e à distribuição do tempo. As planificações transmitem-nos uma enorme segurança, são fundamentais e constituem um desafio para o professor.

Como afirma Silva & Lopes (2018, p.4):

Estas decisões definem não só o que os alunos precisam de aprender, como também como vão aprender esse conteúdo e como vão ser avaliadas as aprendizagens realizadas e remediadas as menos bem conseguidas.

Segundo o mesmo autor, as questões fundamentais na elaboração da planificação são: O que é importante que as crianças/alunos aprendam?, Que atividades devo proporcionar para que aprendam?, Como posso verificar se aprenderam o pretendido?

As respetivas respostas implicam que o professor, selecione os objetivos de aprendizagem, selecione as atividades de ensino e de aprendizagem e os métodos ou estratégias para atingir os objetivos, selecione os métodos/estratégias de avaliação para monitorizar a aprendizagem e previna atividades de remediação de aprendizagem (2018, p.4).

Estas etapas, incluem um conjunto de questões destinadas a suscitar a reflexão, necessária a orientar o trabalho a desenvolver.

Segundo Silva & Lopes (2018, p.5):

A planificação também é uma excelente forma de o professor refletir sobre a sua ação didática e sobre as suas práticas educativas e de, assim, desenvolver o seu conhecimento profissional.

Se os professores querem marcar a diferença na aprendizagem dos alunos, necessitam de selecionar objetivos de aprendizagem que constituam declarações claras e válidas do que pretendem que os alunos saibam e sejam capazes de fazer.

Selecionados os objetivos de aprendizagem e estabelecida a sua importância, devemos decidir que tipos de atividades de aprendizagem devemos proporcionar para que os alunos aprendam, não esquecendo que devem ser atividades diversificadas.

Segundo Silva & Lopes (2018, p.11), as questões a dar resposta nesta fase são:

- *Qual o conhecimento que os meus alunos têm do assunto? Que conceitos alternativos possuem?*



- *Como verificar o que sabem sobre o assunto ou as ideias preconcebidas que têm?*
- *Quais são as ideias comumente aceites (ou equívocos) sobre este tema, com que os alunos podem estar familiarizados?*
- *Como introduzir o tema?*

É essencial planificar uma introdução criativa para que possamos estimular o interesse das crianças/alunos e incentivar o pensamento, a motivação ou predisposição para a tarefa de aprendizagem e relacionar o que se lhes propõe com a sua experiência prévia. Devemos sempre preparar diferentes maneiras de explicar os conteúdos para captar a atenção dos alunos e atender a diferentes estilos de aprendizagem.

E num último momento, devemos escolher atividades que possibilitem verificar a aprendizagem realizada – atividades de avaliação formativa e a avaliação sumativa.



Figura 3 - Questões fundamentais para a realização de uma planificação, segundo Silva & Lopes (2018)

Esta figura, apresentada de forma esquematizada, segundo os autores Silva & Lopes, menciona possíveis questões que necessitam de ser realizadas em cada um dos pontos.

Quanto aos métodos:

- Será que o método escolhido funciona com estas crianças/alunos?
- Será o melhor método para ensinar estes conteúdos?
- Será que contribui para a gestão de aula?



- Será o melhor método para o tempo que tenho disponível para lecionar este conteúdo?
- É um método que eu domino bem?
- Que outros métodos poderei usar?

Quanto à maneira de ensinar:

- Como irão responder os alunos à minha maneira de ensinar?
- Como devo proceder para conseguir maximizar a aprendizagem?
- Será que consigo transmitir bem as ideias aos alunos?

Quanto ao tempo:

- Quanto tempo vou gastar com esta lição? Será que vale a pena?
- Será que vou conseguir dar a matéria no tempo que planeei?

Quanto à gestão da sala de aula:

- Que opções tomar para criar um ambiente propício à aprendizagem?
- Como vou gerir a sala de aula usando este método?

Quanto às crianças/alunos:

- Quais são os conhecimentos anteriores importantes para a aprendizagem deste conteúdo?
- Quais são as suas competências de leitura?
- Quais são as suas competências de escrita?
- Quais são as suas competências de raciocínio?
- Têm competências para trabalhar em grupo?
- Entre tantas outras.

Quanto aos conteúdos:

- Conheço bem o conteúdo?
- Que partes deverão ser realçadas?
- O que é que o programa privilegia?

Quanto à avaliação:

- Como avaliar os alunos?
- Que técnicas de avaliação formativa vou usar?
- Como vou avaliar para permitir que os alunos monitorizem a sua aprendizagem?
- Que tipos de itens se ajustam mais aos objetivos/competências a avaliar?

Quanto às competências:

- Que competências deverei ensinar?



- São competências importantes?

Quanto aos objetivos:

- Os objetivos estão adequados aos conteúdos?
- Os alunos têm oportunidade de os alcançar?
- Como saberei quando os alcançaram?

É de extrema importância que para cada planificação o educador/professor faça uma reflexão sobre cada um destes pontos acima apresentados.

1.5. A IMPORTÂNCIA DAS ROTINAS NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Os hábitos de rotina do dia a dia implicam, com frequência, acomodações e adaptações entre o que estamos acostumados e o que exigem de nós. Essas reorganizações dos nossos hábitos e costumes ajudam-nos a tornar a nossa personalidade mais criativa e dinâmica. Neste sentido, torna-se clara a importância da rotina diária nos Jardins de Infância, cujos elementos, na perspectiva de Hohman e Weikart, são como pegadas num caminho, uma vez que oferecem às crianças uma sequência de acontecimentos que elas podem seguir e compreender. Aos adultos, proporciona a organização do tempo com as crianças de modo a oferecer-lhes experiências de aprendizagem ativa e motivadora (2003, p.224).

Quando a rotina é consistente, permite à criança o tempo suficiente para perseguir os seus interesses, fazer escolhas, tomar decisões e resolver problemas à dimensão dela, no contexto dos acontecimentos que vão surgindo.

Os contextos habituais e os rituais proporcionam uma componente importantíssima de constância e regularidade às crianças, não devendo ser alterados sem motivo ou aviso prévio, porque são fundamentais tanto para a vida escolar como para a vida familiar. São esses contextos que permitem à criança lidar mentalmente com relações de tempo essenciais, como o antes e o depois, o simultâneo, o sucessivo, o permanente e o esporádico. Segundo as OCEPE (2016, p.27):

O tempo diário inscreve-se num tempo, semanal, mensal e anual que tem ritmos próprios e cuja organização tem, também, de ser planeada. A vivência destas diferentes unidades de tempo permite que a criança se vá progressivamente apropriando de referências temporais que são securizantes e que servem como fundamento para a compreensão do tempo: passado, presente e futuro.

A sucessão de cada dia tem um determinado ritmo, existindo, deste modo, uma rotina que é educativa, porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua



sequência, tendo a liberdade de propor modificações. Uma rotina só será verdadeiramente educacional se as atividades específicas de cada tempo forem proporcionadoras de aprendizagens significativas para cada criança que frequenta aquele estabelecimento de ensino. A organização do tempo no Jardim de Infância deverá ser feita em colaboração com as crianças para que tenha sentido para elas. Como referem as OCEPE (2016, p.27):

(...) o tempo é de cada criança, do grupo e do/a educador/a, importa que a sua organização seja decidida pelo/a educador/a e pelas crianças.

Também deverá respeitar sempre os seus ritmos biológicos e as atividades a eles associados, como a hora da alimentação, a higiene, o descanso, os horários de entrada e saída e as atividades programadas, entre outros.

Como defende Craidy & Kaercher, na organização da rotina, devem ser respeitadas as diferentes necessidades das crianças. Estas, estão divididas em três grupos: necessidades biológicas, necessidades psicológicas e necessidades sociais. As necessidades biológicas dizem respeito aos momentos de repouso, higiene e alimentação, devem ser respeitadas, pois são também potenciadoras de aprendizagens significativas. As necessidades psicológicas referem-se às diferenças individuais como o tempo e o ritmo de cada um. As necessidades sociais e históricas permitem respeitar a cultura e o estilo de vida de cada criança (2001, p.67).

Proença refere que entendendo a rotina como o caminho percorrido e conhecido, geralmente de forma automática, que obedece aos horários, hábitos e procedimentos já adquiridos e incorporados, torna-se necessário fazer uma diferenciação entre dois tipos de rotina: a mecânica e a estruturante.

A rotina mecânica serve de base à criança para que possa prever a sequência do trabalho, ou seja, como sentar-se na roda para cantar os bons-dias, nomear os colegas presentes, assinalar os ausentes, observar o tempo, escolher o responsável do dia, conversar sobre algum acontecimento e relembrar as atividades do dia. A rotina estruturante é realizada de acordo com os objetivos propostos no Projeto Pedagógico, ainda segundo o mesmo autor:

organiza e orienta o grupo no espaço escolar, diminuindo a ansiedade a respeito do que é imprevisível ou desconhecido e otimizando o tempo disponível do grupo. É um exercício disciplinar a construção da rotina do grupo, que envolve prioridades, opções, adequações às necessidades e dosagem das atividades (2008, p.13).



A adoção, por parte do educador, de um modelo curricular concreto, facilita a organização do dia-a-dia no Jardim de Infância.

Segundo Hohman & Weikart, a natureza cíclica da rotina dá às crianças a oportunidade de dizer “amanhã posso fazer isto outra vez” (2003, p.234).

As rotinas devem manter-se no E@D, apesar das dificuldades que possam surgir, pois como já foi referido, é fulcral no desenvolvimento das aprendizagens e na estabilidade emocional das crianças. Como menciona a DGE (2020):

O desenvolvimento de atividades a distância com os alunos deve centrar-se na criação de rotinas de trabalho, que confirmam segurança aos alunos, e que são diferentes das presenciais. Paralelamente, deverão ser desenvolvidas atividades de carácter lúdico, que promovam o bem-estar emocional do aluno.

1.6. AVALIAÇÃO FORMATIVA

A avaliação deve ser vista como um processo extenso de aprendizagens. Nas várias formas de avaliação, a formativa é extremamente importante, pois permite um acompanhamento constante da evolução da criança/aluno.

Como referencia Silva & Lopes (2018, p.153):

Atualmente, a avaliação formativa é considerada um processo que se focaliza em descobrir “o que” os alunos compreendem e “como” compreendem os assuntos abordados ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem e não classificá-los pela aprendizagem conseguida (...).

O conceito de avaliação formativa tem evoluído com o objetivo de se adequar às necessidades das crianças/alunos e melhorar a sua aprendizagem. É um processo que envolve a recolha sistemática de dados sobre como decorre a aprendizagem e inclui todas as atividades em que os educadores/professores e as crianças/alunos obtêm informações que podem ser utilizadas para modificar o ensino e a aprendizagem. É também uma forma de conseguir fornecer um feedback entre docentes e discentes.

O objetivo principal da avaliação formativa é permitir controlar a evolução das crianças/alunos durante o processo de aprendizagem, com a finalidade de os ajudar a desenvolver competências de saber – aprender.

Segundo as OCEPE (2016, p.15):

Avaliar os progressos das crianças consiste em comparar cada uma consigo própria para situar a evolução da sua aprendizagem ao longo



do tempo. Refletir sobre esses progressos e o valor que atribui às experiências de aprendizagens das crianças permite ao/a educador/a tomar consciência das concepções subjacentes à sua intervenção pedagógica e o modo como estas se concretizam na ação.

Desta forma, os educadores/professores recolhem informações precisas das crianças/alunos. Estes dados possibilitam adequar o ensino às necessidades de aprendizagem, aumentando assim, a possibilidade de conseguirem benefícios imediatos. As crianças/alunos através do feedback construtivo conseguem mais facilmente ter consciência das suas dificuldades.

O envolvimento dos educadores/professores neste processo implica que analisem continuamente o trabalho no que respeita aos resultados de aprendizagem e esta análise deverá, também, ser feita em todas as atividades que lhes são propostas.

Segundo Silva & Lopes (2018, p.154):

Os professores, que a partir dos dados recolhidos com a avaliação formativa fornecem feedback construtivo explícito aos alunos, possibilitam que estes obtenham respostas para as seguintes perguntas: 1. “Para onde vou?” (Quais são os objetivos que se pretende que eu atinja?); 2. “Onde estou agora?” (Estou a fazer progressos em direção aos objetivos?) e 3. “Como posso percorrer o caminho entre as duas situações?” (Que atividades preciso desenvolver para progredir melhor?)

Estas questões, exigem que os educadores/professores e as crianças/alunos participem de forma ativa e intencional no processo de avaliação formativa e se concentrem nos objetivos de aprendizagem.

A utilização da avaliação formativa, orienta o trabalho do professor e a aprendizagem das crianças/alunos.

Segundo o mesmo autor, a avaliação formativa, visa a ajuda pedagógica imediata ao aluno; permite fazer diagnóstico, se necessário; permite identificar onde e quem é o aluno que está a ter dificuldades para lhe sugerir formas de melhorar ou ajudar a descobrir essas formas. Também utiliza diversos instrumentos, tais como, questionários, grelhas de observação, escalas de apreciação, técnicas de avaliação formativa, entre outras; aplica-se a uma criança/aluno ou a um grupo de crianças/alunos; faz-se, no início, durante e no fim de uma ou várias atividades de aprendizagem; ajuda a tomar decisões de natureza pedagógica, ou seja, à modificação da planificação, das estratégias, das atitudes, do ambiente e planificar ou acrescentar novas atividades.

O mesmo autor afirma ainda que:



A investigação é clara: A avaliação formativa funciona. E funciona porque tem um efeito direto sobre os dois intervenientes mais importantes no processo de ensino-aprendizagem: o professor e o aluno.

Para a recolha de dados, o professor pode recorrer a todos os meios de avaliação ao seu alcance, ou seja, à observação direta e repetida do trabalho em aula; à organização de debates, conversas e exposições orais; ao feedback de todos os trabalhos realizados, individualmente, em pequeno grupo ou em grande grupo, entre outros.

A condicionante essencial é a intenção com que é feita a recolha de dados, por isso, o procedimento a privilegiar terá em conta a informação que se quer recolher.

Como referem as OCEPE (2016, P.13), a informação:

(...) não se pode limitar às impressões que os/as educadores/as vão obtendo no seu contacto diário com as crianças, exigindo um registo que lhes permita contextualizar o que foi observado e situar essas informações no tempo. Anotar o que se observa facilita, também, uma distanciação da prática, que constitui uma primeira forma de reflexão.

Para que a avaliação formativa seja bem aplicada, deve contribuir para a autonomia do aluno. Assim, o educador/professor disponibilizará meios para que o aluno avalie com regularidade a sua aprendizagem, permitindo-lhe identificar por si próprio os seus pontos fortes e fracos e efetuar os ajustamentos necessários.

A grande finalidade da avaliação formativa é facilitar as aprendizagens. Nestas avaliações, que devem ser frequentes, o aluno tem direito a enganar-se. Os erros e as dificuldades são explorados pelo educador/professor para voltar a explicar. Segundo, Silva & Lopes é um momento privilegiado de diálogo que deve permitir:

- **À criança/aluno:** saber se progrediu ou fracassou e as presumíveis causas dessa situação;
- **Ao educador/professor:** propor atividades de ajuda às crianças/alunos em dificuldade e atividades mais complexas para os alunos com um bom desempenho. Os dados recolhidos permitirão ainda ao professor reajustar objetivos, atividades e recursos de ensino-aprendizagem (2018, p.157).

É de salientar a importância de um bom feedback em avaliação.

Segundo Pinhal (2000):

Disponibilizar ao aluno um feedback conveniente sobre o trabalho que realizou e que o professor corrigiu é um tema recorrente em estudos sobre avaliação e um indicador de eficácia em estudos sobre a qualidade das escolas.



Na oralidade, esta tarefa apresenta-se facilitada, dado que esse feedback é imediato, permite criar um sentimento de partilha, permite observar o "eco" produzido e criar um sentimento de se ter avançado, de se terem criado condições para o aluno ir mais longe, sobretudo quando professor e aluno discutiram em tempo oportuno os objectivos desse trabalho oral e se o aluno dispõe de instrumentos de referência, onde estão explicitados os critérios que guiarão o seu trabalho.

Quanto às produções escritas, o tempo despendido pelo professor na correcção destes trabalhos só ganhará sentido se essa correcção tiver impacto para a aprendizagem do aluno, se lhe oferecer pistas úteis para uma auto-correcção e tomada de consciência dos seus êxitos e lacunas.

Os apontamentos individualizados funcionam como um feedback ao trabalho realizado e permitirão à criança/aluno, no futuro, não cometer o mesmo erro e retomar e valorizar o que já sabe fazer bem.

Segundo Silva e Lopes, o feedback útil à aprendizagem pode ser dado de forma a:

Valorizar os aspetos positivos: O reforço positivo encoraja o aluno a agir de forma cooperativa e autónoma, evidencia expectativas positivas em relação ao seu desempenho, favorece o progresso da sua aprendizagem e deste modo, permite dar valor ao que já sabe fazer bem.

Apelar à autocorreção: O educador/professor deve incitar a criança/aluno a identificar os erros. (2018, p.157)

Como referem os mesmos autores (2018, p.153):

A avaliação formativa é um dos componentes do processo de ensino-aprendizagem com maior efeito na melhoria do rendimento escolar dos alunos. A sua utilização possibilita ao professor feedback para adequar o ensino às necessidades reais de aprendizagem dos alunos e a estes possibilita-lhes feedback para melhorarem a sua aprendizagem.

A avaliação formativa, permite criar estratégias para o sucesso da criança/aluno, de modo que se desenvolva de uma forma global e harmoniosa. Como afirma Lima, é preciso deixar a criança crescer, errar, falhar, descobrir o mundo, conhecer os seus defeitos, limitações, talentos e aptidões. (2017, p.129)

1.5.FEEDBACK ÀS CRIANÇAS/ALUNOS

O educador/professor deve ser consistente, estabelecendo regras e limites.

Deve utilizar uma linguagem simples e concisa. Molina (2013, p.21) refere que:



(...) uma das nossas missões é conseguir que os alunos compreendam os conteúdos e não impressioná-los com o nosso vocabulário.

Como cita o mesmo autor, existem alguns aspetos de atitude do professor para com os seus alunos, a ter em conta, tais como, ser empático; gerar interesse; entusiasmar; assumir a responsabilidade pelas suas ações; manter uma atitude positiva; promover uma convivência saudável; imprimir relações de respeito e carinho; ser compreensivo e sensível face a circunstâncias pessoais; ter um comportamento assertivo; demonstrar controlo das situações; manter-se próximo; ouvir; dedicar igual atenção a todos; ser perseverante e consistente; manter a calma; colocar-se no lugar do outro; dirigir-se aos alunos pelos seus nomes, prevenir os problemas.

No extremo oposto, devemos evitar, desrespeitar os alunos e fazê-los sentirem-se humilhados; entrar no jogo dos alunos e manter uma luta de poderes à frente dos alunos; ser pouco consistente na aplicação das normas e permitir que uma mesma ação tenha consequências diferentes, o que é injusto; gritar e empregar linguagem ofensiva; não manter contacto com as famílias e com os colegas com vista a melhorar a situação do aluno ou partilhar com ele a satisfação com a sua atitude e o seu trabalho; manifestar preferências ou embirrações com determinados alunos; enfatizar sempre os aspetos negativos; perder o controlo, ao mesmo tempo que pedimos aos alunos que se controlem (2013, p.22).

É fundamental respeitar o ritmo de aprendizagem de cada criança/aluno, criando expectativas positivas e fazendo com que acreditem neles próprios, valorizando os seus esforços e as suas conquistas, utilizando diversas maneiras de elogiar os seus trabalhos ou atividades.

1.6. PASSAGEM DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR PARA O 1º CICLO

A Educação Pré-Escolar tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança, tanto ao nível da sua individualidade, como também no plano de socialização e preparação da sua integração no 1ºCEB.

A entrada no 1ºCEB é sempre uma etapa significativa na vida das crianças/alunos. Deste modo, a escola deve ter em conta as especificidades de cada um, regulando o seu desenvolvimento, de modo a evitar dificuldades que conduzam ao insucesso.

Como menciona nas OCEPE (2016, p.97)



(...) o modo como a criança vive as primeiras transições (do ambiente familiar para a creche e/ou para o jardim de infância e deste para o 1.º ciclo) pode influenciar a sua atitude perante futuras transições. Para que as transições possam ser vividas positivamente, importa que se inscrevam na evolução do processo educativo de cada criança, sendo indispensável um equilíbrio entre as mudanças inevitavelmente introduzidas e a continuidade das aprendizagens, de modo a que a nova etapa se construa a partir do que a criança sabe e é capaz de fazer.

A transição pressupõe sempre a separação de algo que era conhecido e, simultaneamente, a integração num contexto novo e desconhecido. Este novo contexto implica o abandono de rotinas estabelecidas anteriormente e, conseqüentemente, a aprendizagem de comportamentos e atitudes adequadas ao novo ambiente.

Uma das formas de lidar com o processo de transição diz respeito à sua preparação, ou seja, é importante preparar a criança/aluno para a nova etapa da sua vida. Esta transição da Educação Pré-Escolar para o 1ºCEB gera sempre grande ansiedade, expectativas e preocupações.

Ainda, segundo as OCEPE (2016, p.97) deve-se:

(...) proporcionar, em cada fase, as experiências e oportunidades de aprendizagem que permitam à criança desenvolver as suas potencialidades, fortalecer a sua autoestima, resiliência, autonomia e autocontrolo, criando condições favoráveis para que tenha sucesso na etapa seguinte.

É essencial que os educadores/professores dialoguem com a família, para que este processo seja encarado com naturalidade. As crianças vêm esta fase como uma mudança para o “mundo” dos mais crescidos, uma oportunidade de aprender coisas novas e diferentes, com grande expectativa e curiosidade. Embora, o receio nesta nova fase também esteja presente, pois irão enfrentar situações novas.

O primeiro dia de aulas, assim como os seguintes, constituem-se como um momento de grandes anseios e emoções não só para as crianças, mas também para os encarregados de educação. Como refere a psicóloga Campos (2021):

A transição do pré-escolar para o 1.º ciclo é vivida, sobretudo pelos mais crescidos, com muitas dúvidas, receios e angústias. Esta nova etapa na vida da criança constitui um fator de stress parental, porque é percebida como uma transição do lúdico para o trabalho, como a passagem para uma fase mais "séria" na vida dos filhos. A ansiedade dos pais, quando não devidamente gerida, pode ser um forte entrave à boa integração da criança, porque esta facilmente percebe a angústia dos adultos e a absorve, o que, conseqüentemente, gera insegurança e receios. Os pais e professores devem, por isso, transmitir à criança segurança e tranquilidade relativamente a esta



nova etapa de vida, uma vez que, ao fazê-lo, estarão a ajudá-la a viver com naturalidade e descontração este momento de transição.

As transições estabelecem-se como bases para o crescimento pessoal. Segundo Machado, é importante que educadores e professores estabeleçam contactos, promovam atividades conjuntas e preparem os vários momentos da transição (o período que a antecede, o momento da integração e o período de acomodação) realizando, em conjunto, o seu acompanhamento (2007, p.16).

É de extrema importância que o professor do 1ºCEB tenha conhecimento prévio das atividades realizadas no Jardim de Infância e das aprendizagens adquiridas, podendo adaptar a sua ação pedagógica às características e necessidades dos alunos. O sucesso da transição não depende da prontidão da criança individual, mas da relação/comunicação de todos os participantes e dos contextos entre os quais transita.

CAPÍTULO 2 – CARACTERIZAÇÃO DA METODOLOGIA

2.1. CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

O colégio no qual foi realizado o estágio em Educação Pré-Escolar é um colégio de rede privada.

É uma instituição que abrange as valências da Educação Pré-Escolar, 1º, 2º e 3º ciclos. O horário de funcionamento decorre das 08.00h até às 18.30h.

O contexto pedagógico observado centra-se na sala dos 5anos, da Educação Pré-escolar, constituída por 13 rapazes e 6 raparigas.

O Projeto Educativo da instituição, (Decreto-Lei 137/2012, Julho), tem como objetivo promover projetos, atividades e ações. Pensar a ação de uma instituição é responder a três perguntas:

- O que somos ou temos? - o que revela nossa identidade;
- O que queremos? - o que expressa nossos objetivos;
- O que temos que fazer para controlar os acontecimentos, em função do que desejamos? - o que indica como nos devemos organizar para alcançar nossos objetivos.

Desta forma orientando pedagogicamente os princípios, os valores, as metas e as estratégias das quais a instituição propõe realizar a sua função educativa.



O Projeto Curricular de Escola (PCE) é orientador do presente para o futuro, isto é, uma imagem antecipadora do caminho a seguir para um objetivo estabelecido, a realidade.

Já o Plano Anual de Atividades (PAA) reflete a realidade da instituição no seu quotidiano, bem como do contexto envolvente, através do desenvolvimento das atividades previstas para motivar os alunos para a criatividade, autonomia, responsabilidade e aprendizagem. Deste modo, desenvolver-se-ão laços de identidade coletiva, hábitos de trabalho, pesquisa e de entreajuda.

Por fim, o Regulamento Interno (RI) é um conjunto de regras que definem a organização administrativa, didática, pedagógica, e disciplinar da instituição. De entre questões como o vestuário, os horários, os modos de interação e eventuais sanções no caso de faltas ou incumprimento de alguma regra. Define os objetivos da instituição, atribui os direitos e deveres de todos os intervenientes educativos.

O Colégio apresenta parcerias com algumas entidades.

2.2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estágio foi de investigação-ação. Segundo Silva & Lopes (2015, p.153):

A investigação-ação é uma estratégia de desenvolvimento profissional que os educadores e professores usam para investigar um problema ou uma área de interesse específica do seu contexto profissional.

Procura responder aos problemas imediatos dos professores e às adversidades que vão surgindo. Seguindo ainda as ideias dos mesmos autores, a investigação-ação dá autonomia ao professor para tomar as decisões, no seu dia a dia, porque lhes possibilita:

- *Refletir de uma forma sistemática e articular melhor o processo de ensino-aprendizagem.*
- *Consciencializar acerca de necessidades de formação.*
- *Reconstruir saberes anteriores, tomando o conhecimento profissional dos professores mais adequado à resolução das situações da prática laboral que se constituem como problemáticas.*
- *Fazer escolhas e tomar decisões mais fundamentadas sobre as suas opções pedagógicas.*
- *Ter oportunidades para que experimentem diferentes abordagens de ensino.*
- *Melhorar a aprendizagem dos alunos.*



- *Usar o conhecimento disponibilizado pela investigação educativa de uma forma mais adequada e contextualizada às situações da sua prática profissional.*
- *Desenvolver as capacidades de observação, análise crítica e a confiança em si enquanto profissionais. (2015, p.153)*

Do processo da investigação-ação fazem parte as seguintes etapas, a planificação, a ação, a observação e a reflexão sobre os resultados da ação.

Como refere John Elliot, citado por Silva & Lopes (2015, p.153):

Os professores que utilizam a investigação-ação são produtores de conhecimento mais do que utilizadores do conhecimento produzidos por outros.

2.3. METODOLOGIA NA PRÁTICA

A aluna realizou o primeiro semestre de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico em Erasmus, Pontevedra – Espanha. A parte prática do estágio foi realizada de forma intensiva no segundo semestre, cumprindo todas as horas que estavam programadas.

O estágio iniciou-se a 12 de fevereiro de 2020 e terminou a 26 de junho de 2020. Presencialmente, decorreu apenas de 12 de fevereiro a 11 de março de 2020, devido ao início da pandemia, COVID-19. Todos os profissionais tiveram de se adaptar a uma nova realidade, com isolamento social, E@D e teletrabalho.

Apesar da distância física, a estagiária manteve sempre o contacto com a educadora.

Inicialmente eram realizadas planificações detalhadas para que os pais concretizassem as atividades com as crianças. Ao fim das primeiras duas semanas, constatamos que os pais não tinham tempo para dedicar às atividades propostas para as crianças, pois estavam em teletrabalho.

Com a aproximação da interrupção da semana da Páscoa e com a falta de tempo dos pais, a educadora e a estagiária decidiram iniciar uma nova estratégia.

Na semana anterior à interrupção, foram realizados vídeos com atividades passo a passo para que as crianças pudessem fazer atividades o mais autonomamente possível e vídeos lúdicos a contar histórias que eram enviados através de um e-mail institucional criado pela escola. Também foi realizado o primeiro jogo interativo em PowerPoint, que consistia no conto de uma história e, posteriormente eram colocadas questões de escolha múltipla ([Anexo I](#)).



Nesta semana, era essencial refletir e encontrar estratégias para melhorar cada vez mais a autonomia das crianças. Finalmente, o colégio decidiu adotar a plataforma *Zoom* para que existisse interação entre educadores/professores e crianças/alunos.

As crianças passaram a estar online em sessões síncronas às 9h e às 15h30. Às 11h, tinham sessões assíncronas ou síncronas de acordo com o plano semanal.

Através do E@D eram mantidas também as atividades com os professores de Inglês, Educação Física, Formação Cristã e Música.

Era fundamental que as crianças mantivessem rotinas, desta forma começamos a pensar em como dar continuidade ao projeto da sala - *Vamos ajudar o Planeta Terra*.

Em articulação com a educadora, elaboramos para todos os dias da semana, atividades para as 9h, para as 11h e para 15h30. Era preciso inovar, usar a criatividade, proporcionar às crianças diversas maneiras de aprender. Todos os dias pela manhã, cantávamos e dançávamos a música dos bons dias. Com o passar do tempo íamos inserindo novas canções do “bom dia”.

Diariamente era nomeada uma criança para marcar as presenças e as ausências, era também observado o calendário mensal e assinalado o dia.

À segunda-feira gostavam muito de partilhar connosco as novidades do fim de semana. Todas as semanas era realizado um diálogo sobre as atividades que mais gostaram de fazer e ouvíamos as sugestões de atividades para a semana seguinte. Também era feita a avaliação formativa ao longo da semana, através das atividades propostas.

Ao longo de todas as sessões, tentávamos observar/avaliar o comportamento/evolução das crianças.

Posteriormente à avaliação feita com as crianças, pedíamos aos pais que pudessem estar presentes, à sexta-feira, para colaborarem connosco, dando-nos o feedback em relação aos seus educandos.

À medida que o tempo foi passando a estagiária foi explorando o PowerPoint e realizando jogos lúdicos e pedagógicos, todos relacionados com o projeto - *Vamos ajudar o Planeta Terra*, trabalhando todas as Áreas de Conteúdo.

Durante o período de confinamento criamos jogos de consciência fonológica ([Anexo II](#)), matemática – números e operações ([Anexo III](#)), jogos de consolidação de conhecimento, como por exemplo: quizzes ([Anexo IV](#)), jogo do bingo ([Anexo V](#)), jogos de movimento ([Anexo VI](#)), jogo da memória ([Anexo VII](#)), jogo das diferenças ([Anexo VIII](#)), jogo de orientação espacial ([Anexo IX](#)).



Criamos uma mascote e as crianças apelidaram-na de “arvorezinha” ([Anexo X](#)) e, muitas vezes pediam para a chamar porque adoravam fazer-lhe perguntas, realizamos várias filmagens ([Anexo XI](#)), de acordo com as temáticas que estavam a ser trabalhadas, fizemos várias experiências em direto ([Anexo XII](#)) e criamos cenários para realizar teatros: fantoches, sombras chinesas ([Anexo XIII](#))...

Qual o objetivo destes jogos/atividades?

O objetivo era que as crianças participassem com entusiasmo e de forma autónoma, superassem as suas dificuldades, aprendessem a respeitar ritmos e aprendessem a trabalhar individualmente, em pequeno e em grande grupo, para tal, criávamos salas na plataforma *Zoom*.

O reforço positivo era um dos métodos utilizados para intensificar a aprendizagem, ou seja, sempre que as crianças escolhiam a opção incorreta surgia um som e algo que lhes permitisse identificar o erro, dando a oportunidade de refletir e tentar novamente.

O desejo e a vontade de aprender são talvez os mais importantes alicerces da aprendizagem e do desenvolvimento humano, por isso é fundamental que a escola e os professores criem um ambiente de aprendizagem motivador, pois a relação entre a motivação e o desempenho é recíproca.

Desde cedo, a criança adquire competências quando joga e desenvolve-se a nível social, cognitivo, afetivo e motor. Quando joga, a criança, brinca naturalmente, testando hipóteses e explorando toda a sua espontaneidade ao nível da criatividade.

Todas as estratégias utilizadas foram uma forma divertida e interativa de aprender, através do E@D.

Observamos a reação aos vídeos, as crianças ficavam muito curiosas, faziam perguntas, era notável a atenção que prestavam. Posteriormente, partilhavam muitas situações relacionadas com o que tinham observado.

Os teatros também foram muito bem aceites pelas crianças, na plataforma *Zoom*. Para o teatro de sombras chinesas, elaboramos as personagens e o cenário. A história era contada pela educadora, enquanto a dramatização do musical era realizada pela estagiária, como mostra no [anexo XVIII](#). As crianças colocavam a tela da estagiária em grande plano para visualizarem apenas o teatro do musical *Floresta D'água*.

Para a realização das experiências, era elaborada uma tabela, na qual eram registados os materiais utilizados, o que as crianças achavam que ia acontecer e o que realmente acontecia. Quando necessário, os pais eram informados com a devida antecedência do



material a usar, de maneira a que as crianças pudessem participar ativamente na realização da mesma.

As experiências concretizadas eram muito divertidas e didáticas, sempre relacionadas com o tema que estávamos a trabalhar. Despertávamos a curiosidade das crianças, ouvíamos as questões e dávamos a devida explicação. Todas as atividades/experiências realizadas eram filmadas e enviadas para os pais, para que todas as crianças tivessem acesso, mesmo as que não podiam estar presentes sincronamente.

É importante referir que a aluna “A.S”, portadora do transtorno do Espectro de Autismo, de nacionalidade brasileira, que frequentava o colégio, no início da pandemia deslocou-se para o Brasil. De lá acompanhava o E@D em sessões assíncronas, devido ao fuso-horário. A encarregada de educação, agradecia e salientava a importância de manter o contacto, ainda que assíncrono, com a escola. Evidenciava, também o entusiasmo com que a criança realizava os jogos/atividades.

Durante este período em que decorreu o estágio em E@D, foi elaborado um inquérito ([Anexo XIV](#)) para compreender a adaptação das crianças e das famílias, a esta nova realidade de ensino.

CAPÍTULO III - EXPLORAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

3.1. ANÁLISE DE DADOS

Através da análise dos dados retirados do inquérito realizado aos pais, no tempo de recolhimento obrigatório, podemos observar que mais de 90% das crianças, continuaram a viver com as mesmas pessoas.

8. No período prévio ao recolhimento a criança vivia com as mesmas pessoas?

13 respostas

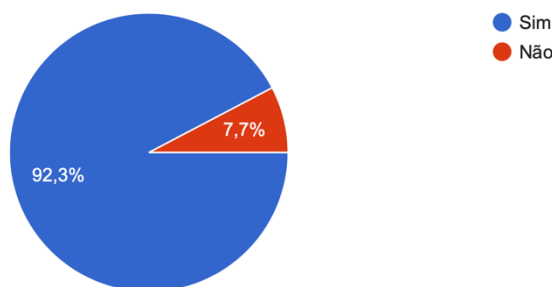


Figura 4 - Percentagem das crianças que continuaram a viver com as mesmas pessoas



A mesma percentagem mostra-nos que as rotinas das crianças alteraram.

9. Durante este período, as rotinas da criança em casa alteraram?

13 respostas

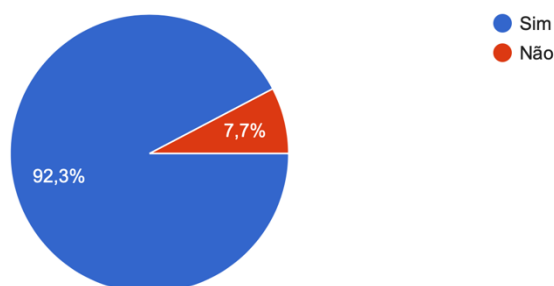


Figura 5 - Rotinas das crianças

Algumas das principais mudanças observadas foram o uso frequente do computador e do tablet (91,7%), o aumento do tempo despendido em frente à televisão (83,3%) e o facto de terem mais tempo para brincar (58,7%).

9.1. Se sim, assinale as 5 principais mudanças:

12 respostas

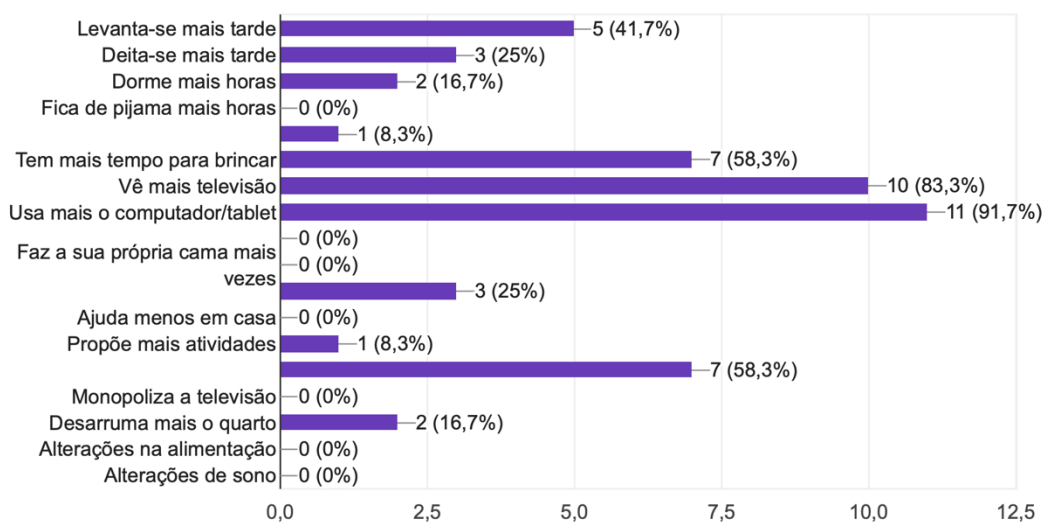


Figura 6 - Principais mudanças

Durante este período de recolhimento obrigatório, 100% das pessoas que responderam ao inquérito concordaram que as crianças usaram mais recursos tecnológicos com ecrã do que anteriormente, entre os quais, televisão, tablet e computador, para os educadores/professores era o único recurso possível.



10. Durante este período de recolhimento, a criança usa mais recursos tecnológicos com ecrã do que anteriormente? (televisão, computador, tablet...)

13 respostas

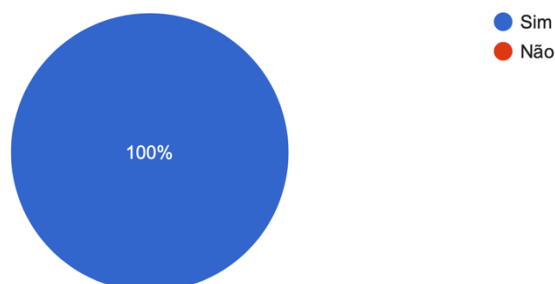


Figura 7 - Durante este período de recolhimento obrigatório, as crianças usaram mais recursos tecnológicos com ecrã?

Quando os pais são questionados se os recursos tecnológicos utilizados para a aprendizagem são importantes, mais de 90% afirma que sim.

10.2. Acha que estes recursos tecnológicos são importantes para a aprendizagem do seu filho?

13 respostas

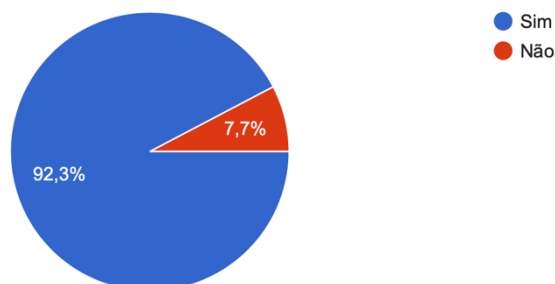


Figura 8 - Os recursos tecnológicos utilizados para a aprendizagem são importantes?

Podemos observar através do gráfico apresentado na figura 9, que maior parte das crianças (76,9%) não viam os programas implementados pela RTP2, por estarem focados em acompanhar as atividades desenvolvidas pela educadora e pela estagiária.



11. Durante o período de recolhimento, foram implementadas novas programações na RTP2 específicas para crianças em idade pré-escolar. A criança vê os programas?

13 respostas

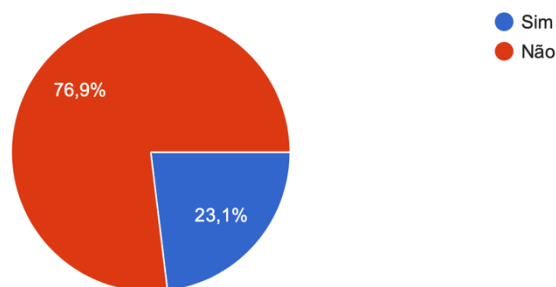


Figura 9 - Programas implementados pela RTP2

Quando analisamos a pergunta, *Com quem brinca durante o recolhimento obrigatório?*, observamos que as crianças brincam, normalmente, sozinhas ou com a mãe.

15. Com quem brinca durante o recolhimento?

13 respostas

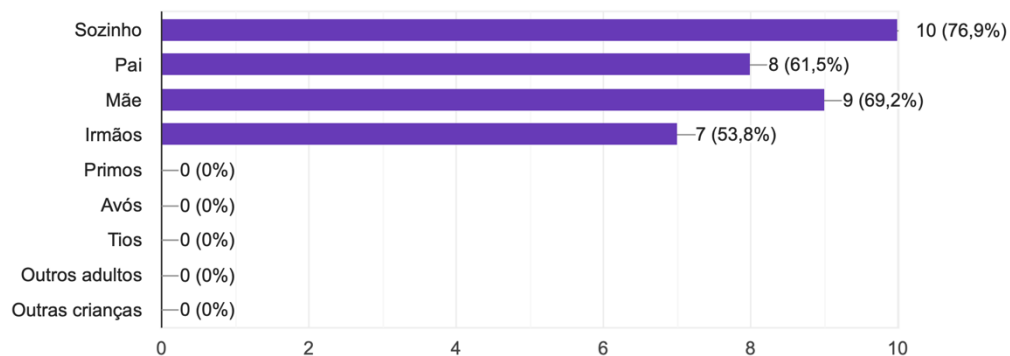


Figura 10 - Com quem brinca a criança?

Durante o período de recolhimento, através da figura 12, vemos que maior parte das crianças conseguiu brincar no exterior, mas existe uma percentagem (15,4%) que não conseguiu.



18. Durante este período de recolhimento tem possibilidade de brincar no exterior?

13 respostas

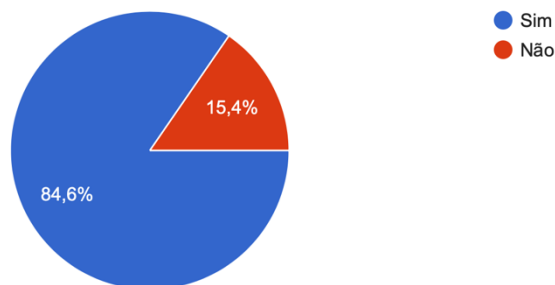


Figura 11 - As crianças têm oportunidade de brincar no exterior?

Observando o gráfico a seguir vemos que maior parte brinca na varanda ou no espaço exterior do condomínio, ou seja, o espaço para brincar no exterior é limitado.

18.1. Se sim, em que espaços?

11 respostas

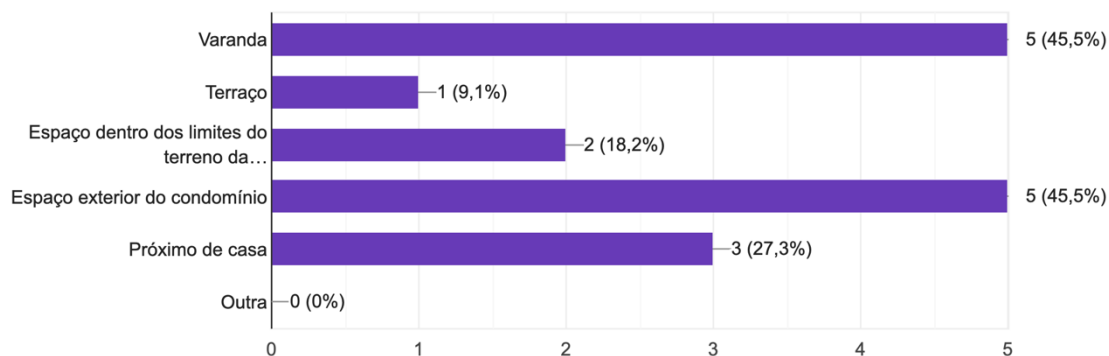


Figura 12 - Espaço em que brinca a criança

Na figura 14, segundo a opinião dos pais, 62% das crianças, recordam atividades/dinâmicas que aconteceram no jardim de infância.



19. A criança recorda atividades/dinâmicas que aconteceram no Jardim de Infância no período pré-recolhimento?

13 respostas

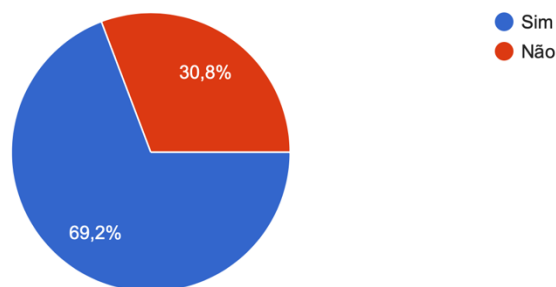


Figura 13 - As crianças recordam atividades/dinâmicas que aconteceram no Jardim de Infância?

Uma grande maioria (76,9%), recorda/fala em casa dos colegas.

20. A criança recorda/fala dos colegas do Jardim de Infância?

13 respostas

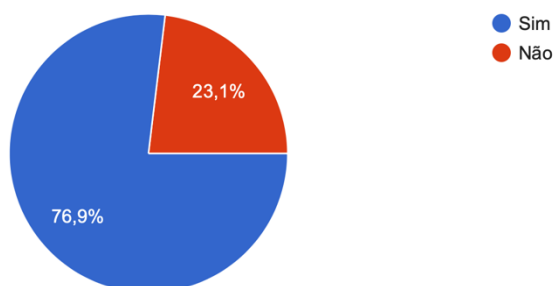


Figura 14 - Recorda os colegas do Jardim de Infância?

Através da figura 16, podemos verificar que a maioria dos pais (92,3%) tenta proporcionar atividades dinâmicas às crianças.



23. A família cria/promove dinâmicas/atividades com a criança durante o período de recolhimento social?

13 respostas

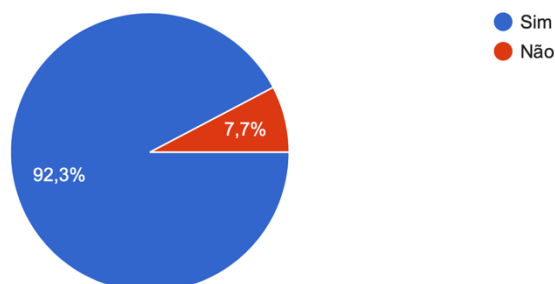


Figura 15 - Os pais tentam proporcionar atividades dinâmicas às crianças?

Em relação às atividades propostas pelo Jardim de Infância, 92,3% dos pais concordam que foram proporcionadas e dinamizadas atividades para e com as crianças.

30. Durante o período de recolhimento, o jardim de infância que a criança frequenta, dinamiza/propõe atividades com a criança/família?

13 respostas

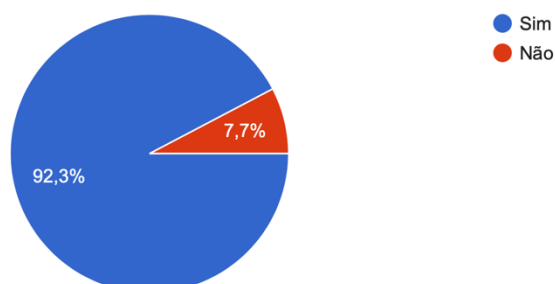


Figura 16 - O Jardim de Infância proporcionou e propôs atividades para as crianças?

Na figura 18, os pais dizem que os educadores em tempos síncronos proporcionavam em média 5 a 8 atividades por semana e em tempo assíncrono 5 atividades.

Eram realizadas atividades para os três momentos síncronos (3 sessões diárias) e atividades para os momentos assíncronos.



30.1. Se sim, quantas vezes por semana, em média, o educador promove iniciativas com a família/criança?

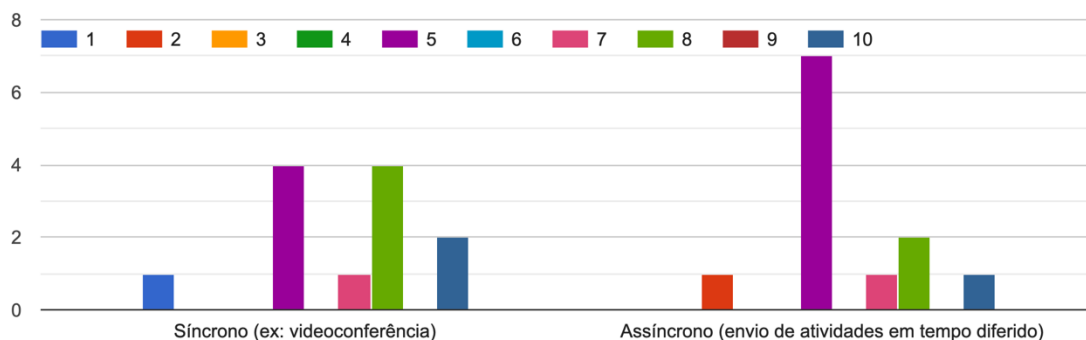


Figura 17 - Quantas atividades em média são proporcionadas nos tempos síncronos e assíncronos?

Como podemos observar na figura 19, as plataformas utilizadas eram o zoom, correio eletrônico e o moodle.

34. Que plataformas/meios são usados para essa partilha?

12 respostas

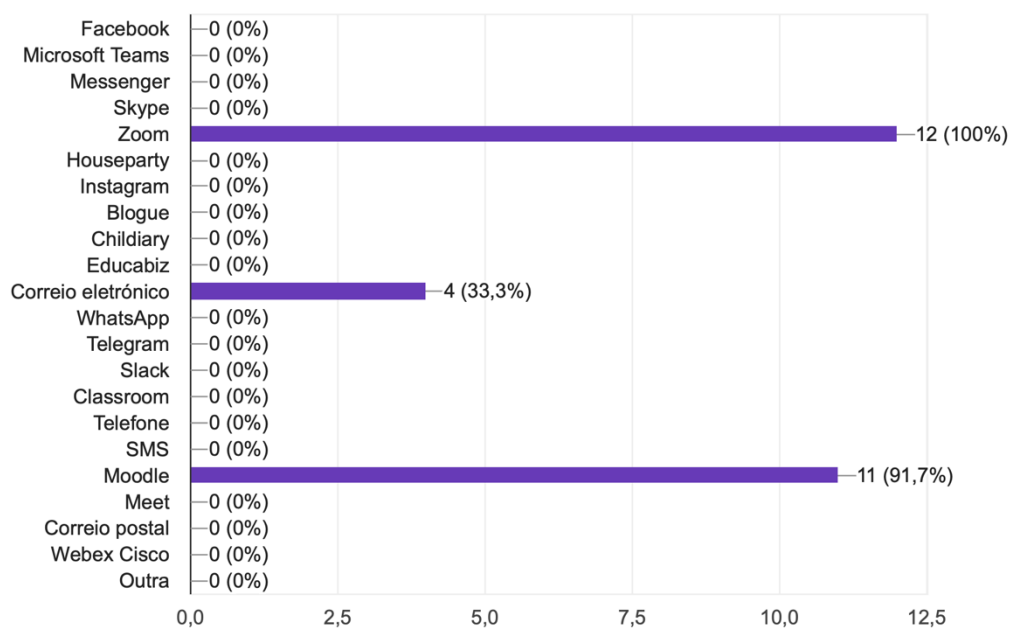


Figura 18 - Plataformas utilizadas

Na figura 20 e 21, podemos observar que existia um grande esforço da educadora e da estagiária para utilizar diferentes recursos e variadas atividades para cativar as crianças.



35. Com que recurso são disponibilizadas as atividades? (Assinale os dois mais frequentes)

12 respostas

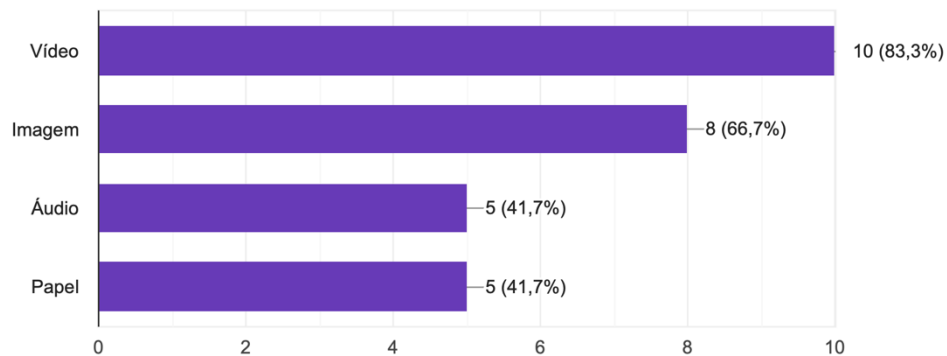


Figura 19 - Recursos disponibilizados para as atividades

36. Que tipo de atividades são propostas/partilhadas pelo Jardim de Infância?

12 respostas

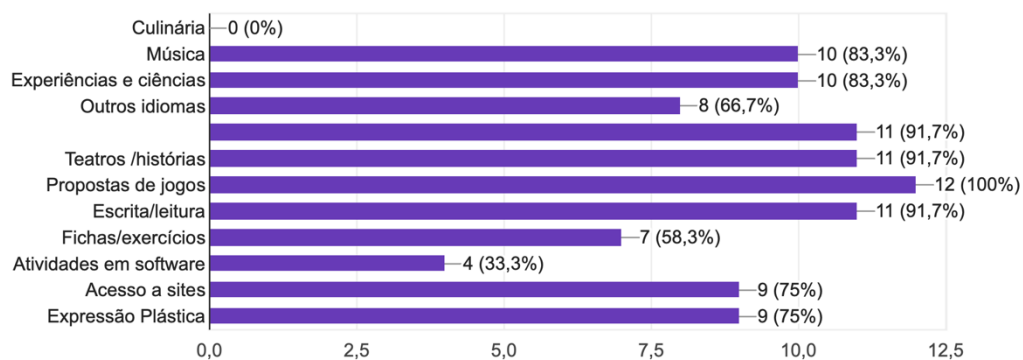


Figura 20 - Quais os tipos de atividades propostas?

Quando questionados sobre as dinâmicas significativas para a criança, 100% dos pais consideraram que as atividades eram significativas para as crianças. Aliás, conseguimos continuar a trabalhar no projeto de sala.



37. Considera as dinâmicas significativas para a criança?

12 respostas

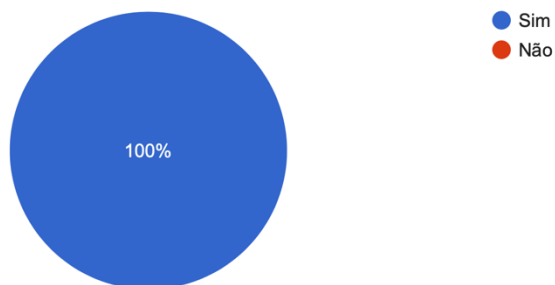


Figura 21 - As dinâmicas são significativas para as crianças?

Através da figura 23, concluímos que 83,3% dos pais confirmaram que as crianças ficavam entusiasmadas quando participavam nas atividades.

38. Como reage a criança quando percebe que vai participar numa dinâmica proposta pelo Jardim de Infância?

12 respostas

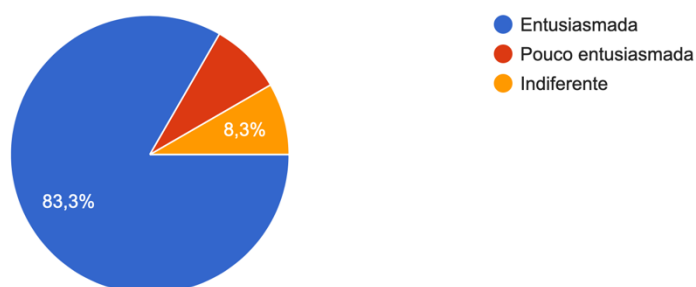


Figura 22 - Entusiasmo nas atividades propostas

Podemos observar na figura 24, que a grande dificuldade dos pais era conciliar o trabalho com o tempo disponível para acompanhar a realização das atividades.



43. Quais os principais constrangimentos com que os adultos que acompanham as crianças se têm deparado?

12 respostas

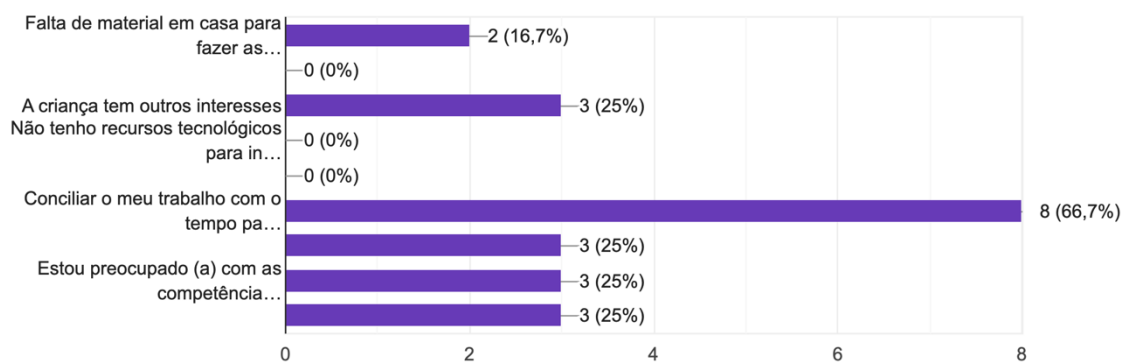


Figura 23 - Principais constrangimentos para os adultos que acompanham as crianças



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação atual que vivemos causou um desgaste psicológico e emocional a nível mundial, pois estar afastados das pessoas que mais gostamos, quer sejam, amigos ou família, quer seja, na escola ou em casa, influenciou e mudou muito o comportamento da sociedade.

Este trabalho evidencia os desafios vividos na comunidade educativa e as transformações/dificuldades vivenciadas. Foi uma realidade a que todos tiveram que se adaptar sem preparação prévia, de um momento para o outro, o ensino passou da modalidade presencial para o E@D.

Nem todas as crianças/alunos tinham computadores e acesso à internet. Nem todos os professores, colégios, agrupamentos, tiveram o mesmo empenho e dedicação. As desigualdades eram notórias.

O colégio, onde a estagiária desenvolveu a sua prática profissional colmatou eficazmente as dificuldades que iam surgindo, mantendo sempre uma relação entre escola/família.

Atualmente, as crianças estão mais predispostas para aprender com os recursos digitais e isso foi benéfico na rápida adaptação das crianças/alunos à nova realidade. Daí surgir a questão, *Como adaptar uma intervenção presencial para uma intervenção à distância de qualidade?*

O facto do 1º semestre ter sido realizado em Espanha tornou o estágio no colégio, mais intenso e produtivo, pois possibilitou o acompanhamento diário das crianças, das suas atividades e rotinas, tornando-o mais enriquecedor.

Em Erasmus, tivemos disciplinas de investigação/ação em que nos dedicamos à pesquisa/criação de jogos interativos e educativos. O momento que estávamos a viver, despertou a curiosidade para criarmos os nossos próprios jogos, de acordo com as Áreas de Conteúdo e os objetivos do nosso projeto de sala.

É certo que foram dedicadas imensas horas na realização de cada jogo, mas ver o sucesso das crianças na evolução das suas aprendizagens, a sua motivação, os seus olhares, fez com que tudo valesse a pena.

Apesar de estarmos afastados fisicamente, as rotinas foram mantidas, as planificações foram realizadas, concretizou-se a avaliação formativa, deu-se continuidade ao projeto de sala, tudo foi vivido como se estivéssemos presencialmente. Conseguimos ainda que, fosse consolidado o processo de preparação para a transição da Educação Pré-Escolar



para o 1ºCEB, através de atividades, experiências com professores do 1ºciclo e com o serviço de psicologia.

Foi conseguido um E@D de qualidade e isso foi verificado pelas aprendizagens adquiridas, pelo feedback dado pelas famílias, pela avaliação formativa, pelo comportamento, participação, empenho e entusiasmo das crianças.

Segundo Neto, C. (2020, p.234)

“Libertar as crianças é dar-lhes autonomia de serem realmente ouvidas, e condições de participações nos locais onde vivem, independentemente das suas circunstâncias da vida, cultura, raça, físicas e psicológicas, para aprenderem e crescerem de forma saudável na sua infância, memórias que sejam impulsionadoras e guias de referência ao longo da vida.”

Pudemos verificar que com trabalho, empenho, resiliência, amor e boa vontade estas crianças viveram o tempo de pandemia de uma forma atípica, é certo, mas conseguiram adaptar-se à nova realidade de uma forma extraordinária. No meio das adversidades conseguimos encontrar o equilíbrio.



BIBLIOGRAFIA

Azevedo, J. (2020) *Educação e escolas na primavera de 2020 – notas*. Disponível:
<https://norte2020.pt/sites/default/files/public/uploads/documentos/piicie13.pdf>

Campos, A. (2021) *1.º ano: uma nova etapa!* Disponível em:
<https://www.educare.pt/opiniao/artigo/ver/?id=12330&langid=1>

Cardoso, J. R. (2013) *O professor do futuro*. Lisboa: Guerra e Paz Editores

Castro, T. G. e Rangel, M. (2004) *Prácticas Educativas en la Educación Infantil – Transversalidad y transiciones, Infancia e Educação- Investigaçã e Práticas*

Chateau, J. (1975) *A Criança e o Jogo*. Coimbra: Atlântida Editora.

CIM Alto Minho (2020) *Algumas lições que podemos retirar das atuais circunstâncias*. Disponível em:
<https://norte2020.pt/sites/default/files/public/uploads/documentos/piicie16.pdf>

Craidy, C., & Kaercher, G. E. (2001). *Educação infantil? Pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed.

DGE (2020) *8 Princípios Orientadores para a Implementação do Ensino a Distância (E@D) nas Escolas*. Disponível em:
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/roteiro_ead_vfinal.pdf

Duarte, J. A. (2009) *O jogo e a criança*. Disponível em:
<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2296/1/Jos%C3%A9Duarte.pdf>

Fernando, M. & Pacheco, A. (2020) *TELE TRABALHO – Princípios e ferramentas práticas do trabalho remoto*. Carcavelos: Self

Formosinho, J. (1996). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.



Hohmann, M., & Weikart, D. (2003). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lima, R. (2017) *A ESCOLA que temos e a ESCOLA que QUEREMOS*. Lisboa: Manuscrito

Lima, R. (2020) *1.º webinar | Gaming, Gamificação e Aprendizagem*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JmK3zNweDoY>

Lima, R. (2020) *Gaming, Gamificação e Aprendizagem*. Disponível em: https://www.escolavirtual.pt/themes/ev/assets/pdfs/Gamificacao_RuiLima_final.pdf

Machado, J. (2007). *A transição entre níveis e ambientes educativos requer continuidade e coerência pedagógica entre o jardim e a escola e entre os respetivos docentes*. Pátio Educação Infantil, ano V.

Melo, É. (2021). *A pirâmide de aprendizagem de William Glasser*. Disponível em: <https://digitalinnovation.one/artigos/a-piramide-de-aprendizagem-de-william-glasser>

Molina, J. M. (2013) *Socorro, sou professor!*. Espanha: Bookout, Lda.

Moreira, J. A. et al. (2020) *Educação Digital em Rede: Princípios para o design pedagógico em tempos de pandemia*. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/9988/5/EaDeL_N.10.pdf

Neto, C. (2020) *LIBERTEM as crianças – A urgência de brincar e ser ativo*. Lisboa: Contraponto

OCEPE (2016) *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação /Direção-Geral da Educação (DGE)

Pinhal, M. (2000) *Avaliação em Língua Portuguesa*. Disponível em: https://area.dge.mec.pt/gramatica/lourdespinhal.htm#_Toc486581846



Ribeiro, F. (2011) *Motivação e aprendizagem em contexto escolar*. Disponível em:

http://www.cefopna.edu.pt/revista/revista_03/pdf_03/es_05_03.pdf

Silva, H. S. & Lopes, J. (2015) *2 - Eu Professor, Pergunto – 18 respostas sobre: Necessidades e Capacidades dos Alunos, Gestão da Sala de Aula e Desenvolvimento Profissional do Docente*. Lisboa: PACTOR

Silva, H. S. & Lopes, J. (2018) *1 - Eu, Professor, Pergunto – 20 respostas sobre: Planificação do Ensino-Aprendizagem, Estratégias de Ensino e Avaliação*. Lisboa: PACTOR

Siqueira, R. (2017) *Pirâmide de William Glasser ou “Cone da Aprendizagem”*. Disponível em: <https://medium.com/@renatho/pir%C3%A2mide-de-william-glasser-ou-cone-da-aprendizagem-49a4670afc9a>



ANEXOS

1. ANEXO I

“UM PRESENTE DE PÁSCOA”

E, uma manhã,
enquanto dá um passeio
com o seu melhor amigo, Galito,

QUEM SÃO AS PERSONAGENS DA HISTÓRIA?

1. O lobo e o rato
2. O coelho e o galo
3. O cão e o pássaro

2. ANEXO II - EXEMPLOS DOS JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA EM POWERPOINT

Jogo 1

Link do vídeo de demonstração: <https://www.youtube.com/watch?v=xnYsgwdAQTw>



EXPLICAÇÃO DO JOGO:



TABELA DE SÍLABAS

1	LA	2	TI	3	LO	4	PA	5	NO
6	TA	7	PRI	8	GA	9	PI	10	JA
11	TO	12	RE	13	MA	14	VE	15	DA
16	VE	17	NE	18	VI	19	LA	20	RA

CLICA NA SÍLABA QUE CORRESPONDE AO NÚMERO

7	PRI	LA	MO
13	ME	MI	MA
16	VE	VA	NA
20	RE	RA	JO

7 13 16 20

TABELA DE SÍLABAS

1	LA	2	TI	3	LO	4	PA	5	NO
6	TA	7	PRI	8	GA	9	PI	10	JA
11	TO	12	RE	13	MA	14	VE	15	DA
16	VE	17	NE	18	VI	19	LA	20	RA

CLICA NA SÍLABA QUE CORRESPONDE AO NÚMERO

7	LA	MO
13	ME	MI
16	VA	NA
20	RE	JO

7 13 16 20

PRI	MA	VE	RA
-----	----	----	----

Figura 24 - Jogo de linguagem

Jogo 2


Link do vídeo de demonstração: <https://www.youtube.com/watch?v=tw6Yk3ssa14>



JOGO DE LINGUAGEM
TEMA: ANIMAIS

Realizado por: Cláudia Filipa Soares da Silva Rocha
claudiasrocha@gmail.com


EXPLICAÇÃO DO JOGO:

1º OUVIR O SOM, CLICANDO NESTE SÍMBOLO 

2º TENTAR ENCONTRAR AS SÍLABAS PARA FORMAR A PALAVRA

CLICA NAS SÍLABAS CORRETAS PARA FORMAR A PALAVRA

LA	AN	MO
ME	DO	MI
RI	VA	NA
RE	NHA	JO



CLICA NAS SÍLABAS CORRETAS PARA FORMAR A PALAVRA

LA	MO
ME	MI
VA	NA
RE	JO


 AN DO RI NHA

Figura 25 - Jogo de linguagem

Jogo 3

Link do vídeo de demonstração do jogo caça-palavras:
<https://www.youtube.com/watch?v=BJCyxq3DoqU>



Realizado por: Cláudia Filipa Soares da Silva Rocha
cfiliparoch@gmail.com

L	I	X	O	B	M	A	R	D	L	G	H	J
X	U	W	Y	O	P	L	Á	S	T	I	C	O
L	O	P	L	R	T	L	L	O	P	I	N	E
L	M	O	L	D	L	L	Á	G	U	A	T	C
T	O	L	W	A	L	X	O	L	Y	U	L	O
E	I	U	L	L	F	A	M	Í	L	I	A	P
R	N	I	L	O	L	E	J	O	P	L	L	O
R	H	Ç	L	I	L	Y	K	H	Ç	L	L	N
A	O	Ã	L	I	L	R	L	L	Y	Q	X	T
L	S	O	L	P	A	N	I	M	A	I	S	O

1. ÁGUA
2. ANIMAIS
3. AR
4. BORDALO II
5. ECOPONTO
6. FAMÍLIA
7. LIXO
8. MOINHOS
9. PLÁSTICO
10. POLUIÇÃO
11. TERRA

Figura 26 - Jogo do caça-palavras

Jogo 4

Link do vídeo de demonstração do jogo Alfabeto de Adivinhas:

<https://www.youtube.com/watch?v=DmmuoQtlzC8>

LIVRO DE JOÃO MANUEL RIBEIRO

Realizado por: Cláudia Filipa Soares da Silva Rocha
cfiliparoch@gmail.com

A Quem me tem
na sua voz
do Porto de Lisboa
a pelo mundo além

S A S A

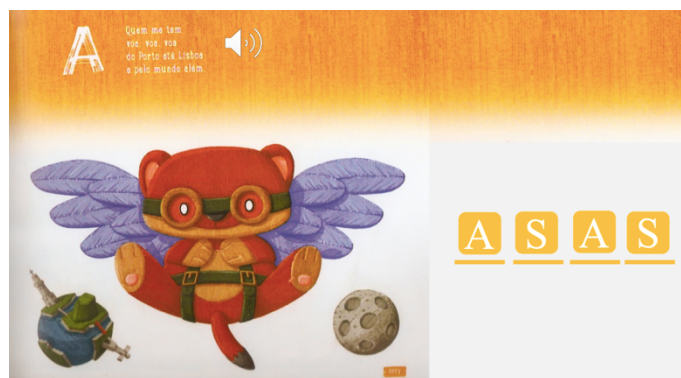


Figura 27 - Jogo: Alfabeto de adivinhas

3. ANEXO III – EXEMPLOS DOS JOGOS DE MATEMÁTICA – NÚMEROS E OPERAÇÕES

Jogo 5

Link do vídeo de demonstração do jogo:

<https://www.youtube.com/watch?v=XWMJwt9CV1o>





3 + 1 = 4

× 5 1 7

2 + 1 = []

9 5 4 1 3

2 + 1 = 3

× × × ×

Figura 28 - Jogo de números e operações

Jogo 6

Link do vídeo de demonstração do jogo:

<https://www.youtube.com/watch?v=qVEvPj1v59Y>



Realizado por: Cláudia Filipa Soares da Silva Rocha
cfiliparoch@gmail.com



Figura 29 - Jogo de números e operações

4. ANEXO IV – EXEMPLOS DOS JOGOS DE CONSOLIDAÇÃO DE CONHECIMENTO - QUIZZ

Jogo 7

Link do vídeo de demonstração: <https://www.youtube.com/watch?v=SAGWBQDtcd4>





Figura 30 - Jogo de consolidação de conhecimento - quizz

Jogo 8

Link do vídeo de demonstração: <https://www.youtube.com/watch?v=Sm7Rbt4J9PI>

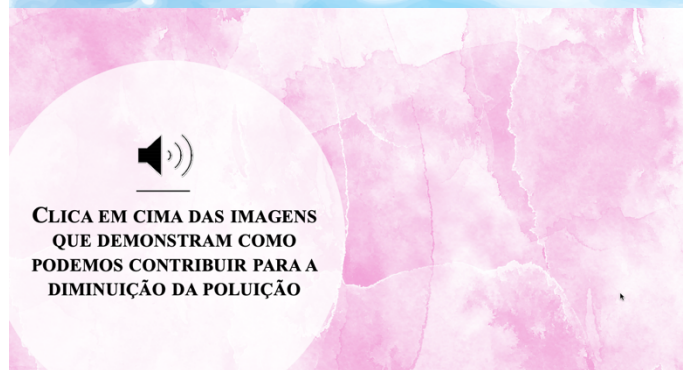
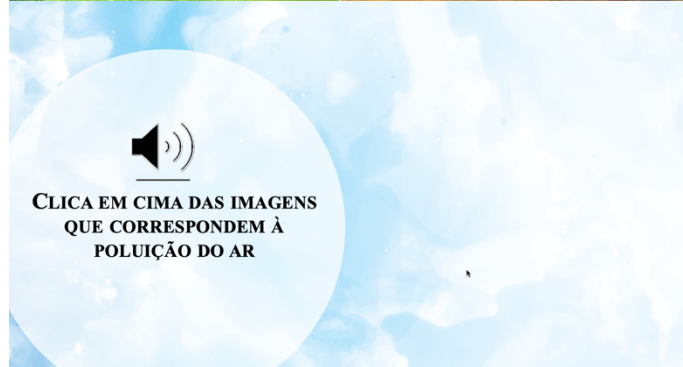




Figura 31 - Jogo de consolidação de conhecimento - quiz

5. ANEXO V - EXEMPLO DO JOGO DO BINGO

Jogo 9

Link do vídeo de demonstração: <https://www.youtube.com/watch?v=F-j8MhXl1ZA>



JOGO DO BINGO

TEMA: PRIMAVERA

Realizado por: Cláudia Filipa Soares da Silva Rocha
cfilparoch@gmail.com

EXPLICAÇÃO DO JOGO

ESCREVER OS NÚMEROS ATÉ 15 E COLOCAR DENTRO DE UM SACO;

CADA JOGADOR TIRARÁ À VEZ UM NÚMERO DO SACO ALEATORIAMENTE;

CADA JOGADOR DEVERÁ FAZER AS SOMAS PARA VERIFICAR SE TEM O RESULTADO DO NÚMERO QUE SAIU NO CARTÃO;

CASO ALGUM DOS JOGADORES TENHA O RESULTADO DA SOMA, CLICARÁ NO NÚMERO QUE É IGUAL AO RESULTADO DA SOMA;

O PRIMEIRO JOGADOR A COMPLETAR O QUADRO DEVERÁ CLICAR EM BINGO.

B I N G O					JOGADOR A
					1 2 3 4
					5 6 7 8 9
					10 11 12 13 14 15
					BINGO
B I N G O					JOGADOR B
					1 2 3 4
					5 6 7 8 9
					10 11 12 13 14 15
					BINGO
B I N G O					JOGADOR A
					3 4
					5 6 7 8 9
					10 11 12 13 14 15
					BINGO
B I N G O					JOGADOR B
					3 4
					5 6 7 8 9
					10 11 12 13 14 15
					BINGO



Figura 32 - Jogo do bingo

6. ANEXO VI – EXEMPLO DOS JOGOS DE MOVIMENTO - JOGO DO MONOPÓLIO

Jogo 10

Link do vídeo de demonstração: <https://www.youtube.com/watch?v=Lz5CiAm1EqY>

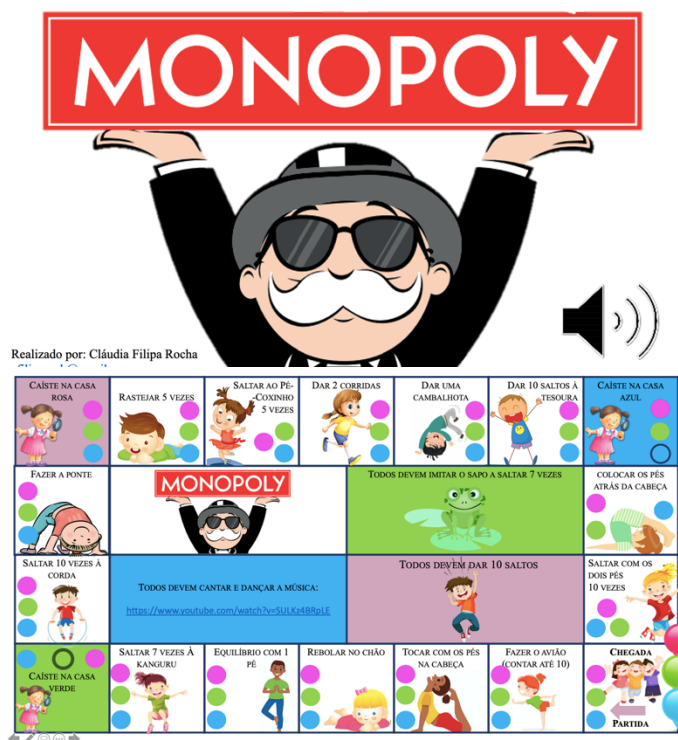


Figura 33 - Jogo do monopólio

7. ANEXO VII – EXEMPLO DO JOGO DA MEMÓRIA



Jogo 11

Link do vídeo de demonstração: <https://www.youtube.com/watch?v=lmNoJ3Gv3fI>

JOGO DA MEMÓRIA
TEMA: PLANETA TERRA

Realizado por: Cláudia Filipa Soares da Silva Rocha
cfiliparoch@gmail.com

EXPLICAÇÃO DO JOGO

1 2 3 4
5 6 7 8
10 11 12 13
14 15 16 17

Figura 34 - Jogo da memória



8. ANEXO VIII – EXEMPLO DO JOGO DAS DIFERENÇAS

Jogo 12

Link do vídeo de demonstração: <https://www.youtube.com/watch?v=St-uWNq7dUw>



Figura 35 - Jogo das diferenças

9. ANEXO IX – EXEMPLO DO JOGO DE ORIENTAÇÃO ESPACIAL

Jogo 13

Link do vídeo de demonstração do: <https://www.youtube.com/watch?v=HjqyzlVWwuo>



Realizado por: Cláudia Filipa Soares da Silva Rocha
cfliparoch@gmail.com

ORIENTAÇÃO ESPACIAL TEMA: PLANETA TERRA

Figura 36 - Jogo de orientação espacial



10. ANEXO X – EXEMPLO DA MASCOTE



Figura 37 - Mascote - a arvorezinha

11. ANEXO XI – LINK DE EXEMPLOS DE FILMAGENS

<https://www.youtube.com/watch?v=Bzmz7qbBYkg&t=97s> – O que a poluição faz aos animais do mar?

<https://www.youtube.com/watch?v=M1nbTmPIWbU&t=279s> – Planificação e avaliação semanal

<https://www.youtube.com/watch?v=nZyOCwO1mhk> – Como fazer um catavento?

https://www.youtube.com/watch?v=cc5rqHUUHm_M – Jogo do coelho



<https://www.youtube.com/watch?v=FKzFgdGbDDs> – Descubra a primeira sílaba das palavras

<https://www.youtube.com/watch?v=5V21YOUIOPM> – Atividade de carimbagem

<https://www.youtube.com/watch?v=-k89LLQdO3E> – História “O Coelho Branco”

<https://www.youtube.com/watch?v=K-FwjYX5Yoo&t=20s> – Características da Primavera

<https://www.youtube.com/watch?v=5ixWqJjGupA> – Avaliação da semana

<https://www.youtube.com/watch?v=IVrGNgIITPQ&t=484s> – A importância de preservar o meio ambiente

<https://www.youtube.com/watch?v=wwE11Gh29JA> – Movimentos do Planeta Terra

https://www.youtube.com/watch?v=kXq_17IqBmM&t=11s – Características do Planeta Terra

<https://www.youtube.com/watch?v=aVb7S4mQrvs&t=342s> – Artista Bordalo II

<https://www.youtube.com/watch?v=tLCeBvX7Adw&t=15s> – A importância de protegermos o património

https://www.youtube.com/watch?v=x1u9eSPj_5Q&t=57s – Poluição no ar

<https://www.youtube.com/watch?v=vG5G0AeGs1o&t=7s> – Moinhos de água

<https://www.youtube.com/watch?v=xffeePOx0W8> – Instrumentos da orquestra – 1ª parte

<https://www.youtube.com/watch?v=a2-McAdpupc> - Instrumentos da orquestra – 2ª parte



12. ANEXO XII – LINK DE EXEMPLO DA REALIZAÇÃO ONLINE DE EXPERIÊNCIAS

https://www.youtube.com/channel/UCfha2-xttuDFKtIWXABzT_g - Experiência - Moinhos de Água

13. ANEXO XIII – LINK DE EXEMPLO DO TEATRO

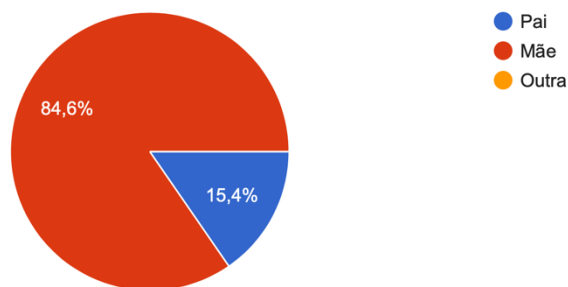
<https://www.youtube.com/watch?v=9dLy1Fj2Q9Q&t=102s> – Teatro “Floresta d’água”

14. ANEXO XIV

1: Inquérito aos encarregados de educação durante o período de pandemia (INFin 6)

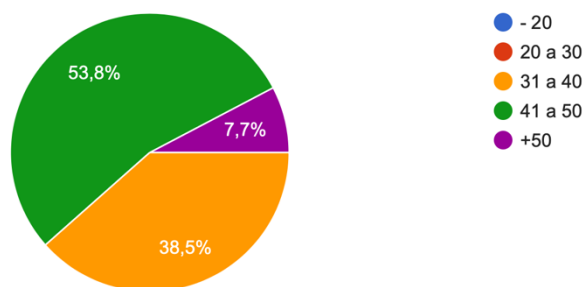
1. Preenche este inquérito (um por criança/família)

13 respostas



2. Idade

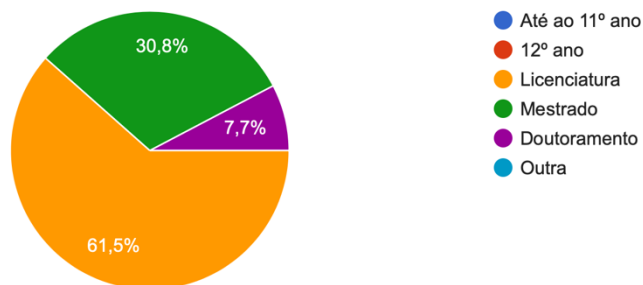
13 respostas





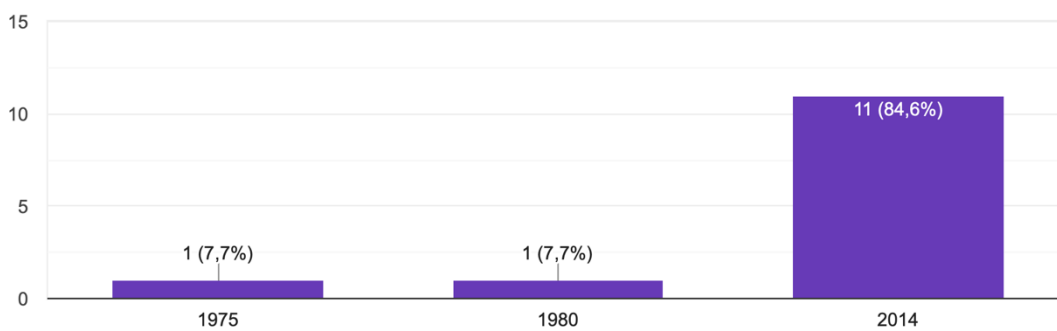
3. Habilitações

13 respostas



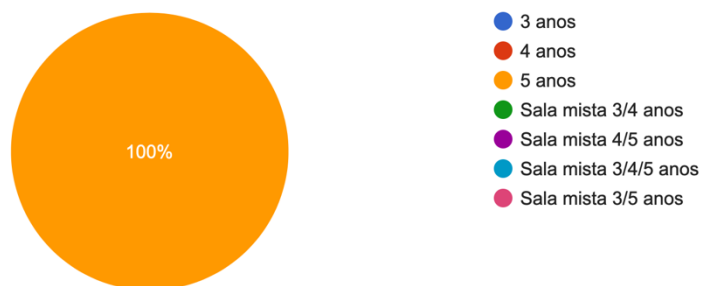
4. Ano de nascimento.

13 respostas



5. Sala em que está integrada

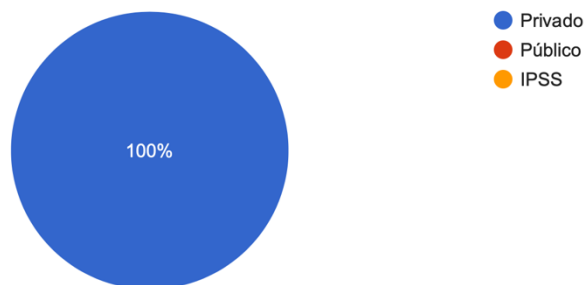
13 respostas





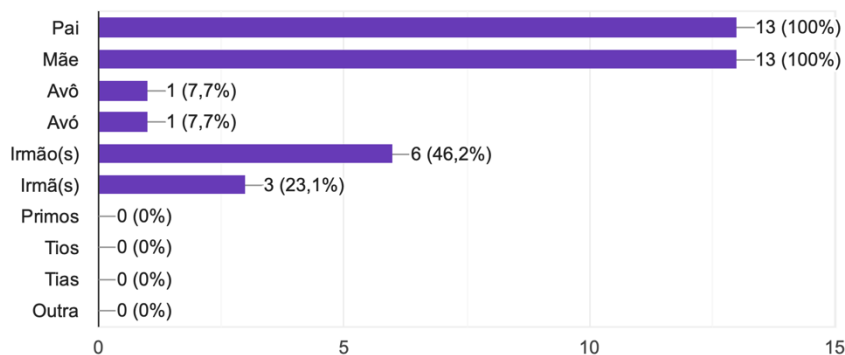
6. Tipo de instituição que a criança frequenta

13 respostas



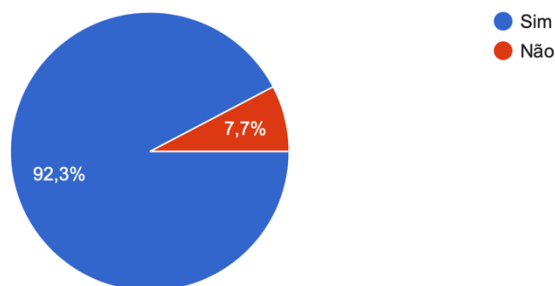
7. Neste período de recolhimento social, a criança está a viver com

13 respostas



8. No período prévio ao recolhimento a criança vivia com as mesmas pessoas?

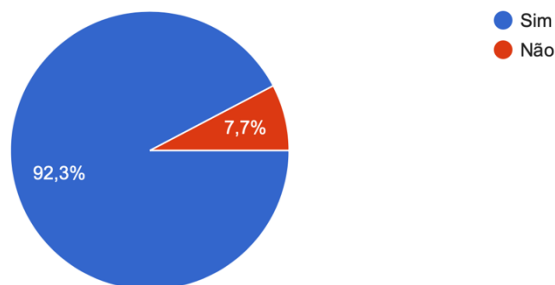
13 respostas





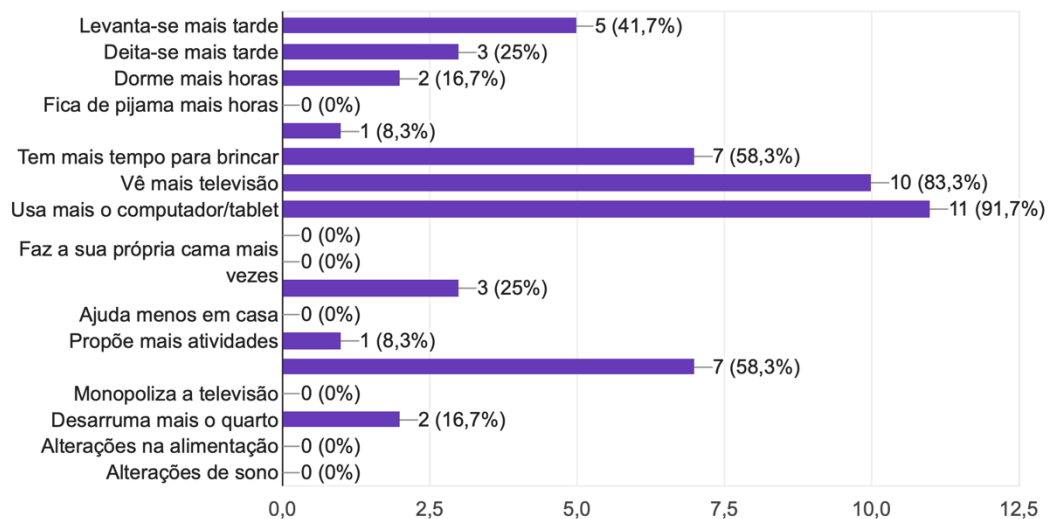
9. Durante este período, as rotinas da criança em casa alteraram?

13 respostas



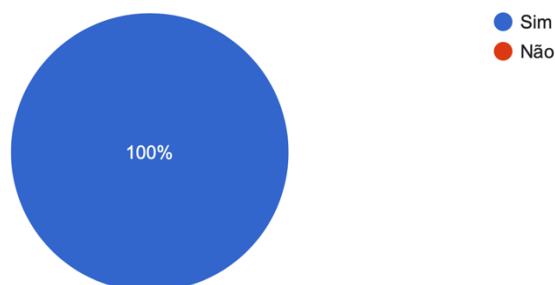
9.1. Se sim, assinale as 5 principais mudanças:

12 respostas



10. Durante este período de recolhimento, a criança usa mais recursos tecnológicos com ecrã do que anteriormente? (televisão, computador, tablet...)

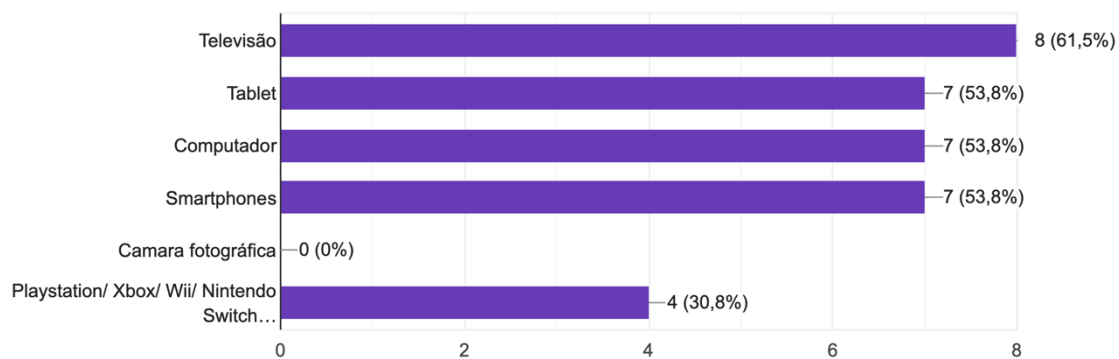
13 respostas





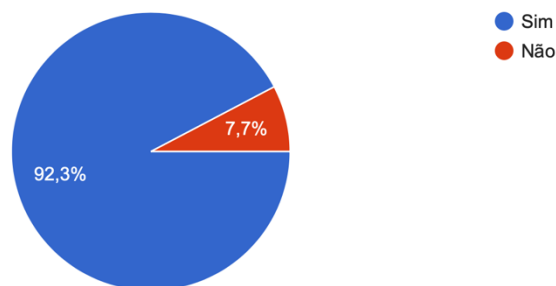
10.1. Se sim, que recursos usa com mais frequência? (escolha os mais frequentes)

13 respostas



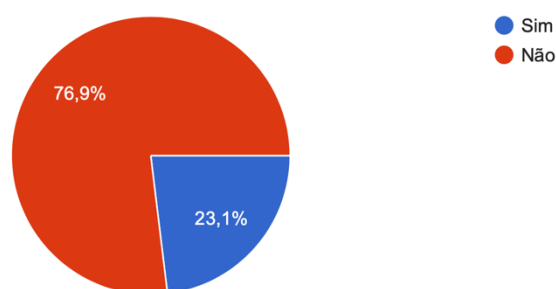
10.2. Acha que estes recursos tecnológicos são importantes para a aprendizagem do seu filho?

13 respostas



11. Durante o período de recolhimento, foram implementadas novas programações na RTP2 específicas para crianças em idade pré-escolar. A criança vê os programas?

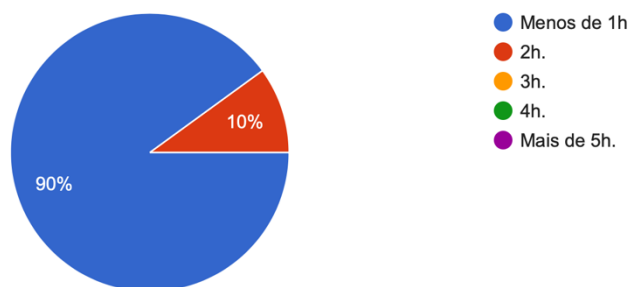
13 respostas





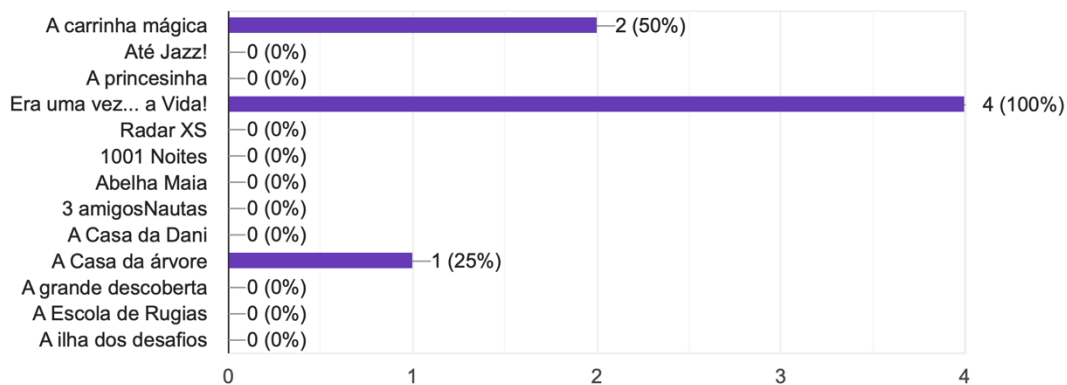
11.1. Quanto tempo por dia ocupa a ver os programas?

10 respostas



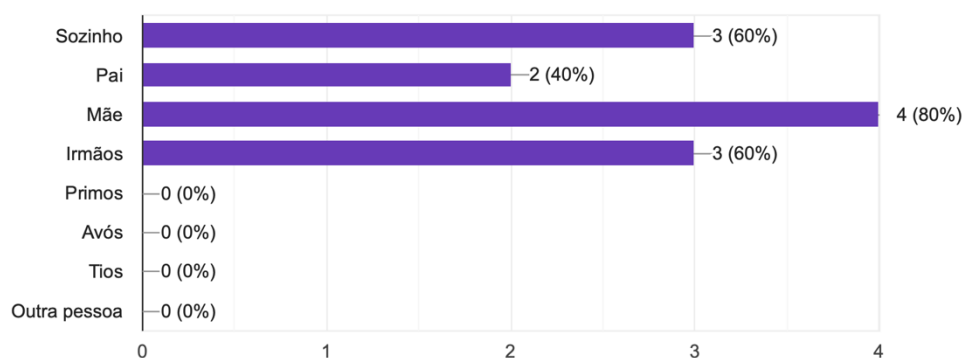
11.2. Refira quais os 3 preferidos da criança

4 respostas



11.3. Na maioria das vezes, com quem vê

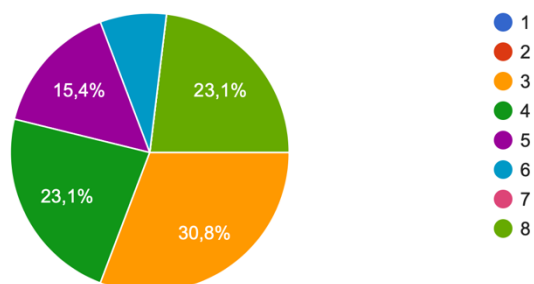
5 respostas





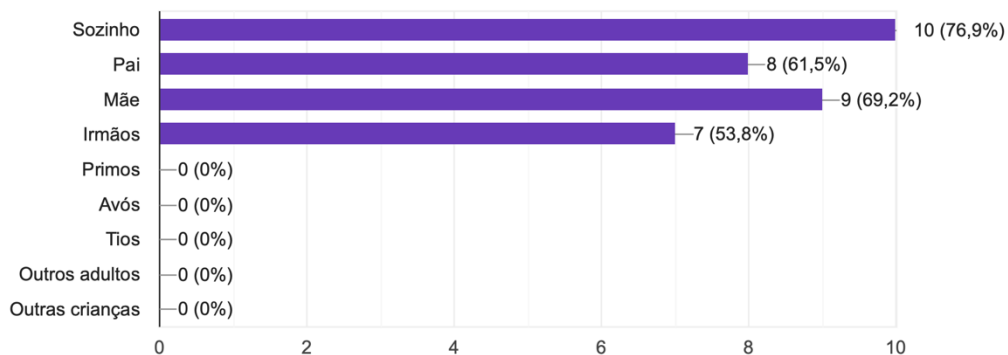
12. Durante o período de recolhimento, em casa, quantas horas a criança brinca por dia?

13 respostas



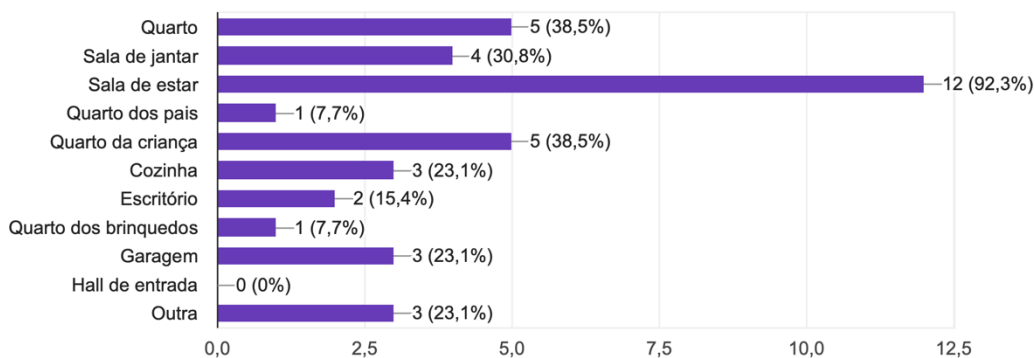
15. Com quem brinca durante o recolhimento?

13 respostas



16. Durante este período de recolhimento social, em que locais a criança brinca?

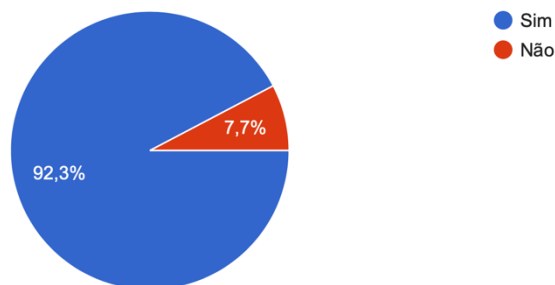
13 respostas





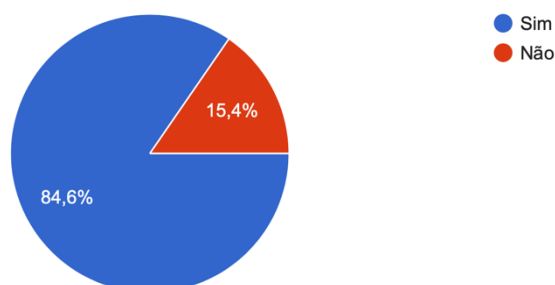
17. É o mesmo local onde costumava brincar antes do recolhimento?

13 respostas



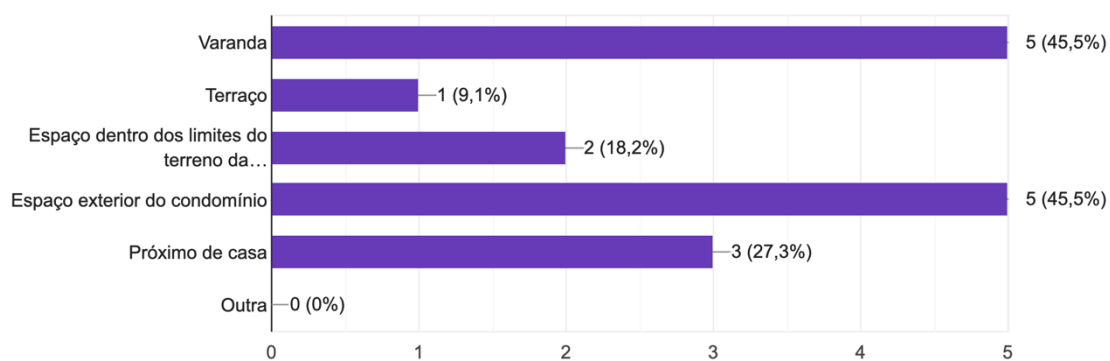
18. Durante este período de recolhimento tem possibilidade de brincar no exterior?

13 respostas



18.1. Se sim, em que espaços?

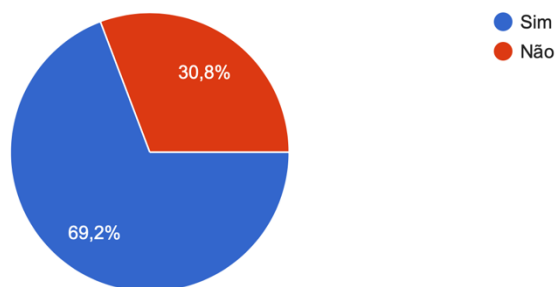
11 respostas





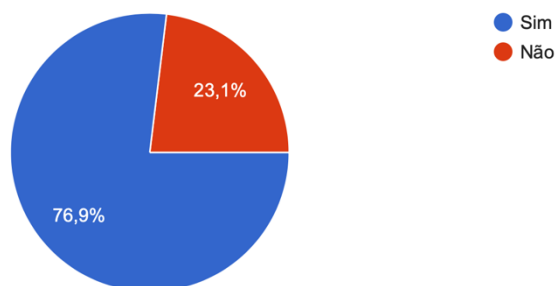
19. A criança recorda atividades/dinâmicas que aconteceram no Jardim de Infância no período pré-recolhimento?

13 respostas



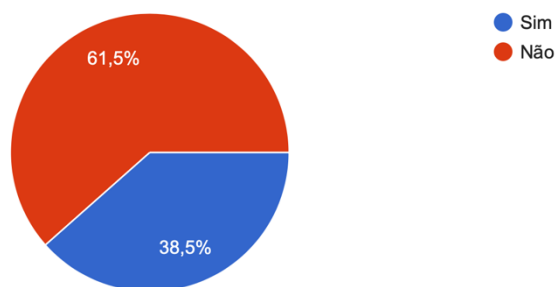
20. A criança recorda/fala dos colegas do Jardim de Infância?

13 respostas



21. A criança pergunta quando pode voltar para o Jardim de Infância?

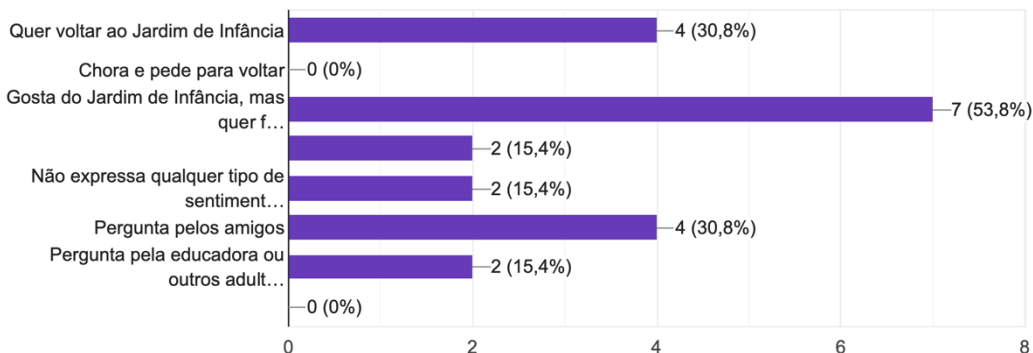
13 respostas





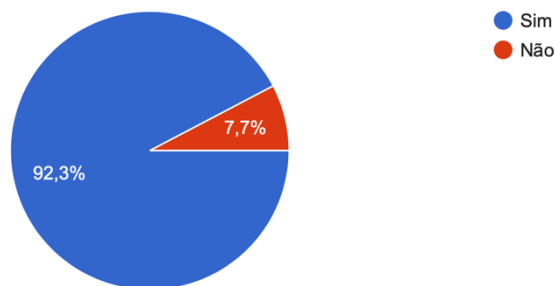
22. Registe o que considera ser o principal sentimento da criança no contexto atual de confinamento (selecionar o máx. 3)

13 respostas



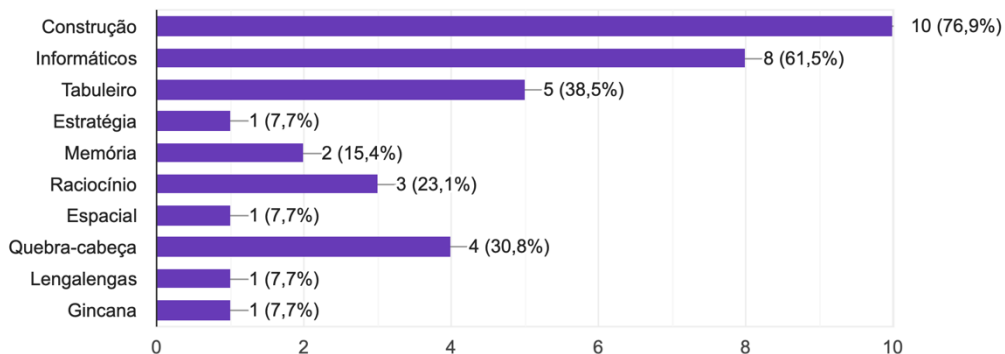
23. A família cria/promove dinâmicas/atividades com a criança durante o período de recolhimento social?

13 respostas



26. Durante o período de recolhimento social, os jogos com que a criança brinca em casa, com mais frequência, são:

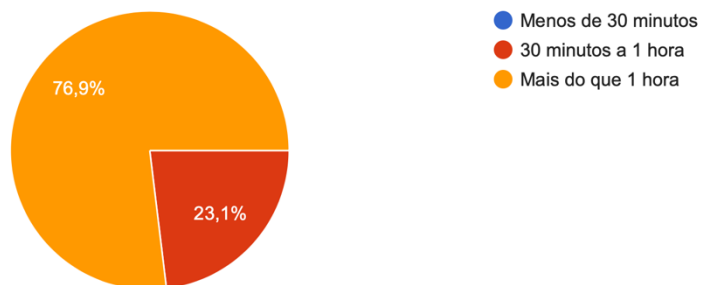
13 respostas





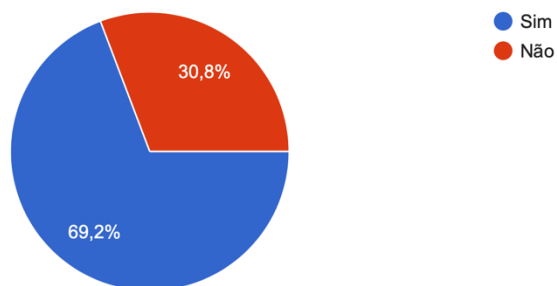
27. Quanto tempo a criança joga por dia?

13 respostas



28. Durante o período de recolhimento social foram criados momentos para jogar em família?

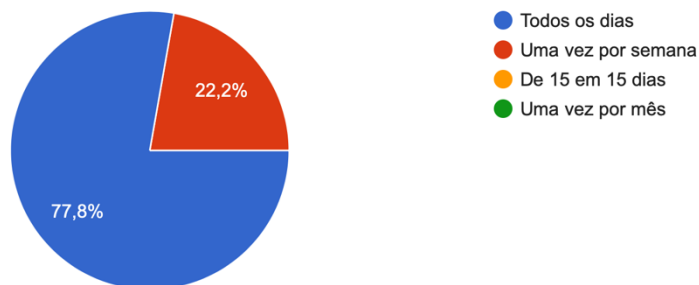
13 respostas





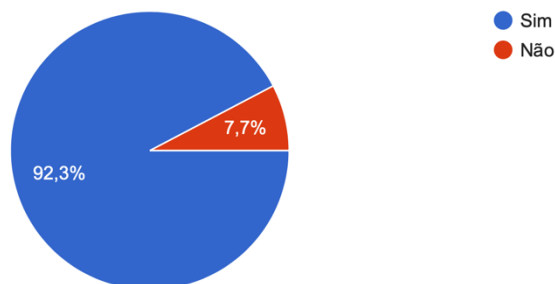
28.1. Se sim, em média, com que frequência?

9 respostas

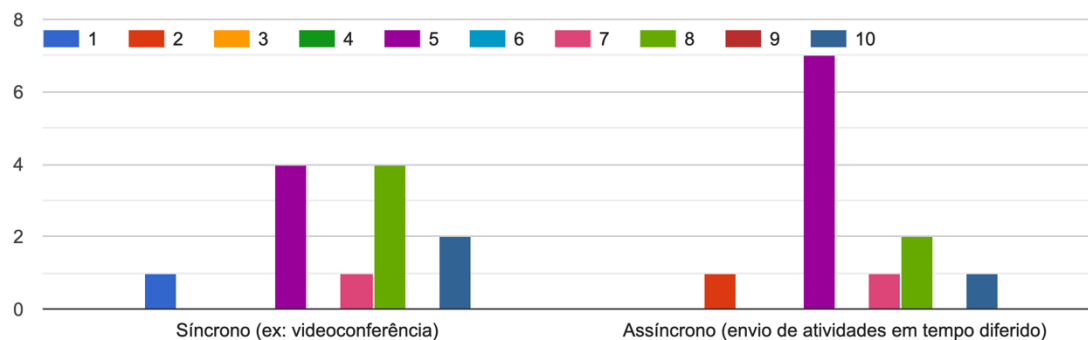


30. Durante o período de recolhimento, o jardim de infância que a criança frequenta, dinamiza/propõe atividades com a criança/família?

13 respostas



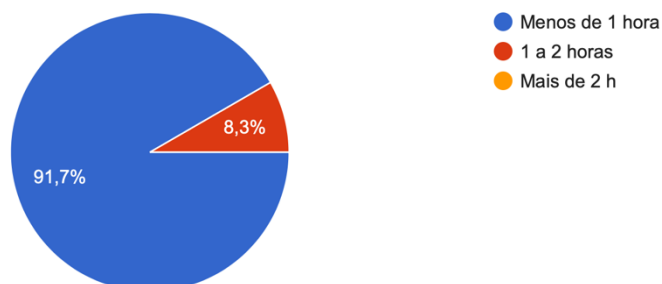
30.1. Se sim, quantas vezes por semana, em média, o educador promove iniciativas com a família/criança?





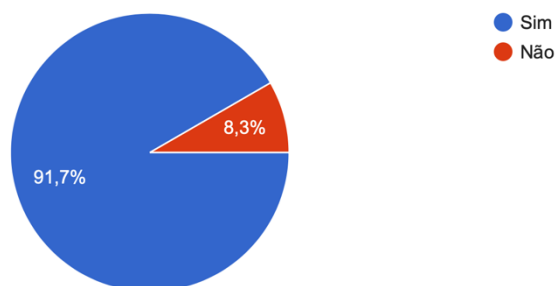
31. Se a criança tem sessões síncronas (ex: videoconferência), em média, quanto tempo demora cada sessão?

12 respostas



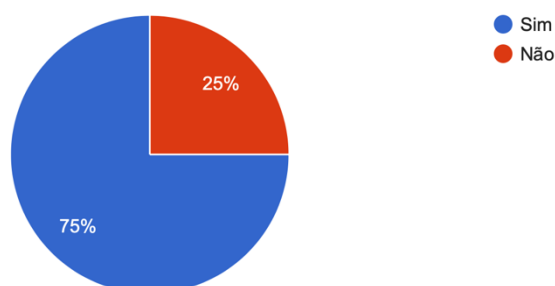
32. Existe um horário fixo, semanal, para as atividades dinamizadas pelo Jardim de Infância?

12 respostas



32.1 Se sim, o horário é adequado à rotina familiar?

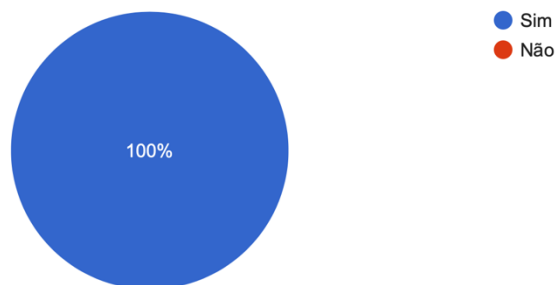
12 respostas





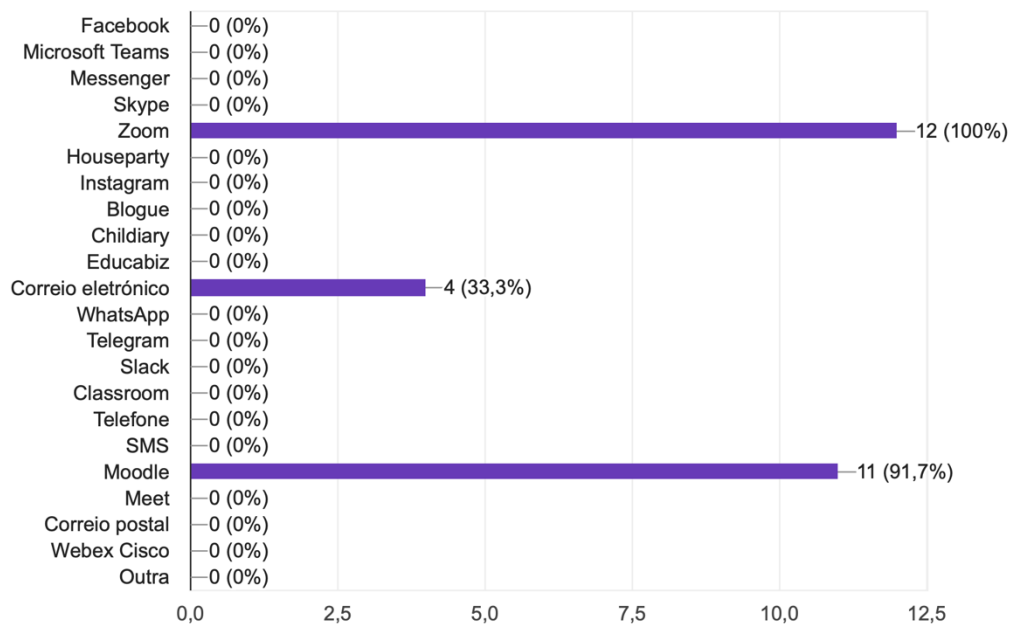
33. O horário das atividades é adequado às necessidades da criança?

12 respostas



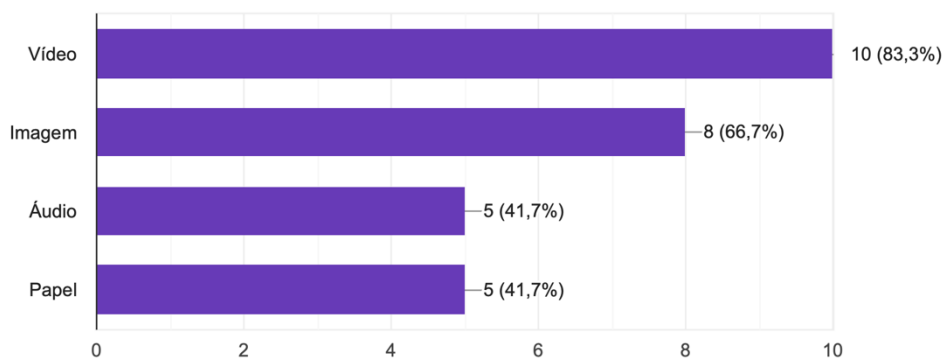
34. Que plataformas/meios são usados para essa partilha?

12 respostas



35. Com que recurso são disponibilizadas as atividades? (Assinale os dois mais frequentes)

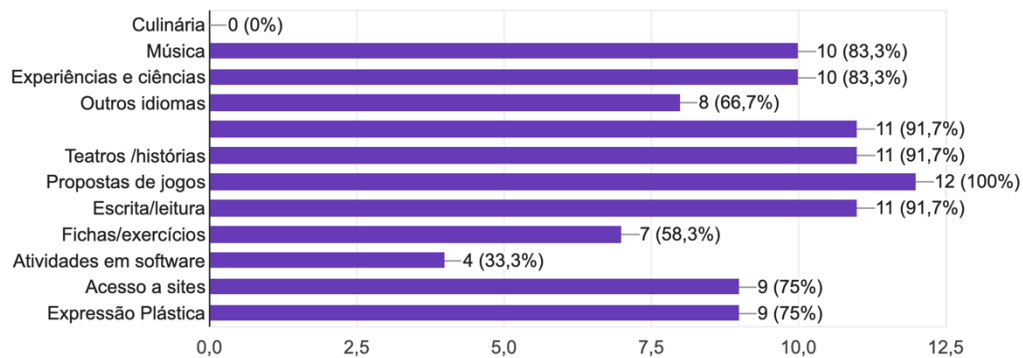
12 respostas





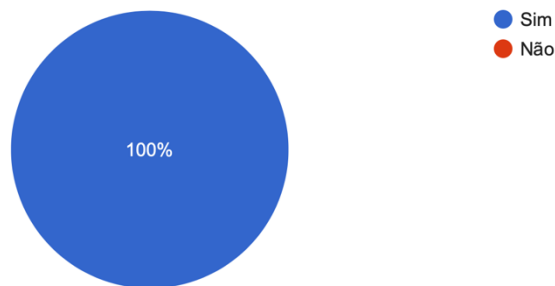
36. Que tipo de atividades são propostas/partilhadas pelo Jardim de Infância?

12 respostas



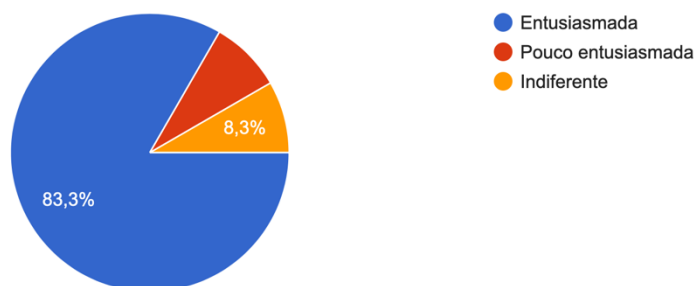
37. Considera as dinâmicas significativas para a criança?

12 respostas



38. Como reage a criança quando percebe que vai participar numa dinâmica proposta pelo Jardim de Infância?

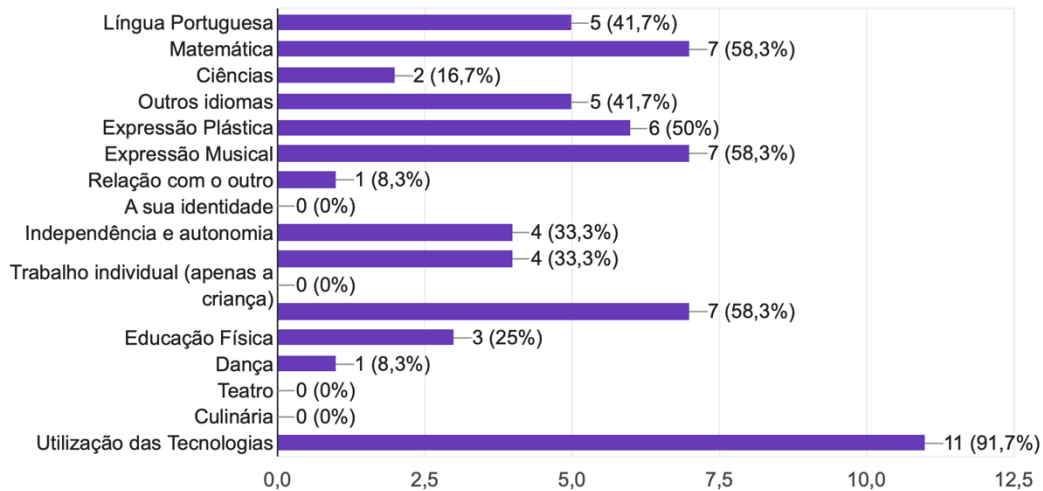
12 respostas





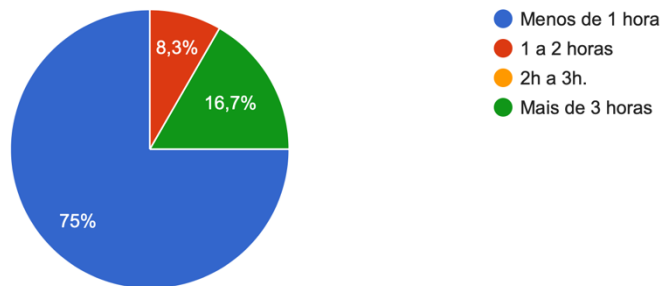
39. De acordo com o que observa, em que áreas a criança desenvolve mais competências?

12 respostas



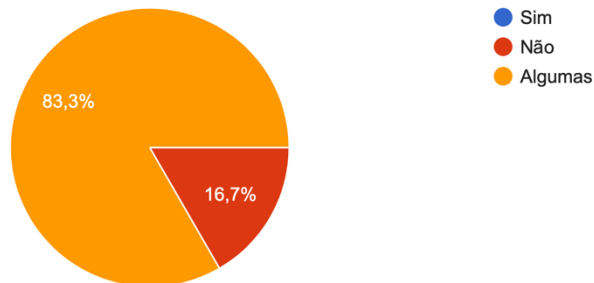
40. Das atividades propostas pelo Jardim de infância para serem desenvolvidas ao longo do dia/semana, quanto tempo demora a criança a concluí-las?

12 respostas



41. As atividades propostas podem ser feitas autonomamente pela criança?

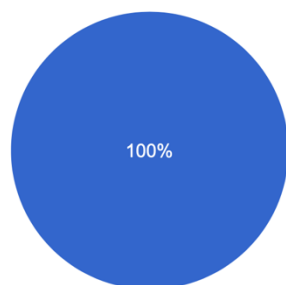
12 respostas





41.1. Se não, quem ajuda a criança?

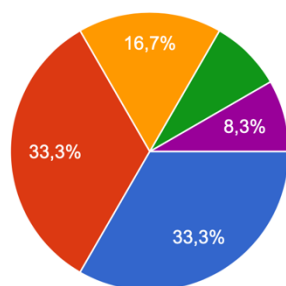
12 respostas



- Um Adulto
- Outra Criança

42. O adulto que apoia a criança na concretização das atividades, consegue dedicar:

12 respostas



- O tempo que a criança necessita
- Pouco tempo porque está em teletrabalho
- Algum tempo antes de iniciar o trabalho
- Algum tempo após o trabalho
- Algum tempo no fim de semana/feriados
- Nenhum tempo

43. Quais os principais constrangimentos com que os adultos que acompanham as crianças se têm deparado?

12 respostas

